



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE**

KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE

O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023.

São Cristóvão
Junho/2024

KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE

O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023.

.

Texto da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe, para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Drº. José Vieira da Cruz

São Cristóvão

Junho/2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

K533u Leite, Kátia Maria da Silva.
O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023 / Kátia Maria da Silva Leite; orientador José Vieira da Cruz. – São Cristóvão, SE, 2024.
97 f. : il.

Dissertação (mestrado profissional em Ensino de História) –
Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. História – Estudo e ensino. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Preconceitos. 4. Música – Aspectos sociais. 5. Didática. I. Cruz, José Vieira da, orient. II. Título.

CDU 930.2:323.14

KÁTIA MARIA DA SILVA LEITE

O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023.

Aprovada em: 17 de junho de 2024.

Texto da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe à seguinte Banca Examinadora.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente



JOSE VIEIRA DA CRUZ

Data: 04/07/2024 13:00:17-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Drº. José Vieira da Cruz

(Orientador/PROFHISTÓRIA/UFS)

Documento assinado digitalmente



SHEYLA FARIAS SILVA

Data: 20/06/2024 13:56:13-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Sheyla Farias Silva

(Avaliadora interna- PROFHISTÓRIA/UFS)

Documento assinado digitalmente



JOCENEIDE CUNHA DOS SANTOS

Data: 17/06/2024 18:11:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Joceneide Cunha dos Santos

(Avaliadora externa/UNEB)

Documento assinado digitalmente



PATRICIA ROSALBA SALVADOR MOURA COSTA

Data: 19/06/2024 20:36:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Drª. Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa

(Avaliadora interna- PROFHISTÓRIA/UFS)

À minha família, especialmente ao meu marido,
Everton Leite, pois sua trajetória de vida serviu de
inspiração para desenvolver esse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gratidão a Deus pelo cuidado e pelas providências que Ele me proporciona. Aos meus pais, Antônio Francisco e Izabel Maria, pelos esforços que fizeram para que eu pudesse prosseguir com os estudos, pelos valores, princípios transmitidos, eles foram primordiais para minha formação humana. Especialmente a minha mãe pela mulher guerreira que és. Ao amado filho Diego Souza, ele desperta em mim o desejo de querer ir além daquilo que um dia imaginei. Aos irmãos, Cacilda Maria e Cassilio Melo, sobrinhos, Caciele Santos, Natália Santos e Peterson Melo.

Ao marido, Everton Leite, pelo suporte técnico, quando o computador me dava alguns sustos, por compreender a redução do lazer, nos finais de semana, para que eu pudesse me dedicar à leitura e à escrita.

Gratidão ao meu orientador Prof^o. Dr^o. José Vieira da Cruz por ter me aceitado como orientanda, pelos direcionamentos e incentivo à escrita.

Agradeço ao quadro docente do ProfHistória pela atenção conosco, mesmo diante das dificuldades e limitações impostas pela pandemia, tiveram o cuidado de organizar um cronograma para nos atender. As leituras realizadas em cada disciplina foram fundamentais para a escrita desse texto. À secretária Fabiana pela atenção e destreza sempre disposta a resolver os perrengues que surgiam.

À professora Dr^a Sheyla Farias e ao professor Itamar Freitas pelas contribuições concedidas tanto na Banca de Qualificação (setembro de 2023) quanto na Banca de Defesa (2024).

Aos meus colegas de caminhada da turma do ProfHistória 2022. Em especial a Viviane e a Isana pelo compartilhamento de leituras, por estarem sempre disponíveis para me ouvirem nos momentos que precisava compartilhar as inquietações. Ao representante discente da turma, Douglas, obrigada por toda atenção e ajuda no decorrer dessa jornada.

Nesta empreitada, quero agradecer aos meus coordenadores pedagógicos Mirian, Norma e especialmente a Aldenes Costa, do Colégio Amadeus, por aceitar o meu pedido de redução de carga horária. A coordenadora Liviane, do Colégio San Rafael, por compreender o meu pedido de demissão, para que eu pudesse me dedicar ao Mestrado, logo após o retorno

das férias escolares em pleno meio do ano de 2023. À diretora Magna, do Colégio Estadual Diomedes, em Nossa Senhora do Socorro, por me aceitar com carga horária reduzida.

Aos alunos do Colégio Amadeus, aos colegas e amigos de trabalho: às professoras Joelia, Leila, Silvia e Itatiana, ao professor Luciano e especialmente à Dr^a Daniela Rocha, pelo incentivo, sua jornada acadêmica serviu de combustível para mim. A minha amiga, conterrânea da cidade de Lagarto/SE, professora Ms. Marizete Cruz, doutoranda/UNIT, por compartilhar suas experiências da jornada acadêmica e pelos momentos de descontração quando saímos para tomar açaí após o dia de trabalho. Esses momentos me renovaram.

Por fim, conciliar a jornada de trinta horas semanais de trabalho, vida pessoal e escrever uma dissertação não foram uma empreitada fácil. No entanto, tive o privilégio de estar cercada de pessoas que contribuíram significativamente direta ou indiretamente para que eu pudesse chegar até aqui. Gratidão, vocês foram essenciais nessa jornada!

O povo negro sofre preconceito há séculos e somente o conhecimento da história e de uma compreensão de sua cultura vai encaminhar a nossa sociedade para o rompimento com práticas preconceituosas e discriminatórias (Laureano, 2008, p. 343).

RESUMO

A Lei nº 10.639 de 2003 representa a necessidade e sua importância formativa e de socialização no combate ao preconceito étnico-racial; devido à possibilidade de gerar ações que contribuam para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e estigmas enraizados na sociedade em relação à história e à cultura da população negra. Mediado por esse discurso, o objetivo desse trabalho era potencializar práticas de ensino e aprendizagem de história, tendo como foco o combate ao preconceito étnico-racial em relação ao negro na sociedade brasileira. Diante disso, essa pesquisa promoveu uma metodologia de ensino por meio de uma sequência didática (com roteiro de atividades), utilizando músicas como suporte metodológico e pedagógico no ensino de história para combater esse preconceito. As ações pedagógicas da sequência didática foram divididas e executadas, alinhadas aos conteúdos do terceiro bimestre: primeiramente a temática da história e da cultura dos povos africanos serviu como contextualização inicial; segundo, as ações foram desenvolvidas utilizando músicas (letras e áudio) como documento histórico; o terceiro momento ocorreu mediante culminância de socialização da aprendizagem. Essa experiência/prática foi trabalhada com alunos(as) do 7º ano do Ensino Fundamental II, do Colégio Amadeus, uma unidade da rede privada de ensino de Aracaju, Sergipe, nos meses de setembro e outubro no ano de 2023. A partir dessa postura pedagógica, historiográfica e humanista, foi possível ressignificar a cultura escolar como espaço propício em que o(a)s aluno(a)s se reconhecessem enquanto sujeitos que respeitam a diversidade étnico-racial dos povos. A presente proposta de ensino e de aprendizagem está atenta às normativas dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Em termos teóricos, a fundamentação que orientou as reflexões desse estudo baseou-se, principalmente, nas obras de Almeida (2019), Schmidt, et. al, (2011) Rüsen (2012), Freitas e Oliveira (2022) e Gomes (2005), além de outros autores cujos escritos contribuíram para a fundamentação desta pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de História, música e combate ao preconceito étnico-racial.

ABSTRACT

Law No. 10,639 of 2003 represents the need and its importance for training and socialization in combating ethnic-racial prejudice; due to the possibility of generating actions that contribute to the deconstruction of stereotypes, prejudices and stigmas rooted in society in relation to the history and culture of the black population. Mediated by this discourse, the objective of this work was to enhance history teaching and learning practices, focusing on combating ethnic-racial prejudice towards black people in Brazilian society. Therefore, this research promoted a teaching methodology through a didactic sequence (with a script of activities), using music as methodological and pedagogical support in teaching history to combat this prejudice. The pedagogical actions of the didactic sequence were divided and executed, aligned with the contents of the third two months: firstly, the theme of the history and culture of African people served as initial contextualization; second, the actions were developed using music (lyrics and audio) as a historical document; the third moment occurred through the culmination of socialization of learning. This experience/practice was worked with students in the 7th year of Elementary School II, at Colégio Amadeus, a unit of the private education network in Aracaju, Sergipe, in the months of September and October in the year 2023. From this stance pedagogical, historiographical and humanistic, it was possible to re-signify school culture as a favorable space in which students recognized themselves as subjects who respect the ethnic-racial diversity of people. This teaching and learning proposal is attentive to the regulations of the National Curricular Parameters (PCNs) and the National Common Curricular Base (BNCC). In theoretical terms, the foundation that guided the reflections of this study was mainly based on the works of Almeida (2019), Schmidt, et. al, (2011) Rüsen (2012), Freitas e Oliveira (2022) and Gomes (2005), as well as other authors whose writings contributed to the foundation of this research.

Keywords: Teaching History, music and combating ethnic-racial prejudice.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Exposição dos trabalhos	33
Imagem 2 - Quadrado de Pirro: ensaio planejado do arruamento de Aracaju.....	36
Imagem 3 –Faixada frontal do Colégio Amadeus	37
Imagem 4 - Alunos de uma das turmas respondendo ao questionário	42
Imagem 5 – Primeira ação da sequência didática, mapa do continente africano	57
Imagem 6 - Segunda ação da sequência didática, momento dos alunos do 7B ouvirem a música em 21/07/2023.	61
Imagem 7 -Execução de tarefa – 7A.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade	43
Gráfico 2 - Gênero	45
Gráfico 3 - Identidade étnico-racial	45
Gráfico 4 - População de Aracaju segundo o critério cor/raça, 2010	47
Gráfico 5 - Preconceito étnico-racial	48
Gráfico 6 - Conhecimento de músicas sobre preconceito étnico-racial.....	53
Gráfico - 7 – Avaliação da execução da sequência didática	70
Gráfico 8 - Você mantém a percepção em relação ao preconceito contra os negros?	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Explique o que é preconceito racial.	50
Quadro 2 - A partir do seu conhecimento de vida explique o que é tolerância racial.	52
Quadro 3 - Explique o que é diversidade étnico-racial.....	53
Quadro 4 - Manutenção da percepção de preconceitos em relação aos negros?.....	71
Quadro 5 - Respostas abertas à alteração da percepção de preconceitos em relação aos negros	72
Quadro 6 - Em relação ao que foi abordado nessa sequência didática apresente o que mais chamou sua atenção	73

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização - Colégio Amadeus, Aracaju/SE, 2023.....	35
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1	22
ENSINO DE HISTÓRIA E O COMBATE AO PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL..	22
1.1. Impactos da Lei nº 10.639 de 2003.....	22
1.2. Consciência histórica, ensino de História e preconceito étnico-racial	25
1.3. A opção pela construção de uma sequência didática	31
CAPÍTULO 2	35
A ESCOLA NA FORMAÇÃO E NA SOCIALIZAÇÃO DO(A) CIDADÃO(Ã)	35
2.1. Conhecendo o Colégio Amadeus.....	35
2.2 O perfil dos alunos	39
2.3. A mensuração dos dados do perfil e das respostas.....	43
CAPÍTULO 3	55
MÚSICA, SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	55
3.1. A primeira semana da sequência didática.....	55
3.2. A segunda semana da sequência didática.....	58
3.3. A terceira semana da sequência didática	64
3.4 A quarta semana da sequência didática	65
3.5. Aprendizados históricos dos envolvidos na pesquisa	69
CAPÍTULO 4	77
SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA COMBATER O PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS:	86
APÊNDICE	92

INTRODUÇÃO

O ensino de história possibilita conhecer hábitos, costumes e atitudes culturais das sociedades no curso do caminhar da humanidade. À medida que o tempo passa, algumas atitudes socioculturais podem ser mantidas ou alteradas de acordo com o consenso social estabelecido. Assim, a análise do passado pode ajudar a compreender como os indivíduos em sociedade constroem entendimentos sobre o presente histórico e suas expectativas de futuro. Nesse sentido, refletir sobre a temática do preconceito étnico-racial contra a população negra no Brasil é de suma importância.

Primeiramente, quando falamos da população negra na sociedade brasileira se faz necessário problematizar a carga de estereótipos associada a eles enquanto povos escravizados, arrancados da África e explorados pelo colonialismo, pelo imperialismo e pelas visões culturais eurocêntricas, bem como, em relação aos afrodescendentes identificados com fenótipos pretos e pardos. Estigmas presentes em preconceitos, discriminações e outras atitudes intolerantes associados à cor de pele e a costumes e tradições ancestrais africanas.

A princípio, precisamos esclarecer o que entendemos por população negra. De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial no seu inciso IV, Art. 1º, da Lei 12.288/2010, população negra é “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga” (BRASIL, 2010, p. 13).

A aprovação do Estatuto da Igualdade Racial veio “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos [...] o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (BRASIL, 2010, p.13). Citamos como exemplo da igualdade de oportunidade, as cotas voltadas para reparar as injustiças sociais sofridas pela população negra historicamente (em Faculdades/Universidades, concursos) que permite ao negro obter voz, enquanto outros se veem como pertencentes a tal etnia.

Ultimamente, casos de discriminação étnica contra pessoas negras têm sido recorrentes em noticiários, postagens em redes sociais e no cotidiano de violência contra os direitos humanos. O ocorrido, na cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2023, é um exemplo de casos de intolerância, no qual uma mulher branca, ex-atleta de vôlei, agrediu verbal e fisicamente um entregador negro (REGUEIRA; NASCIMENTO, G1, 2023a). Práticas, igualmente

reprováveis, também têm ocorrido no campo dos esportes, inclusive no futebol. A respeito disso, destacamos as ofensas racistas contra o jogador de futebol Viny Junior, no Campeonato Espanhol (G1, 2023b), indicando que o preconceito e o racismo não estão presentes apenas no Brasil.

Segundo Denis de Oliveira (2021), o aumento das denúncias de preconceito racial é resultado das ações do movimento negro na luta contra o racismo. Ele destaca que, no decorrer do século XXI, as lideranças negras têm utilizado os espaços das redes sociais para falar sobre esse assunto. Este tipo de atitude chama a atenção da sociedade para combater posturas racistas, intolerantes e de preconceitos étnico-raciais contra a população negra.

Diante desse cenário e da necessidade de avanços no âmbito do sistema educacional, sobretudo, no que diz respeito à necessidade de valorizar a diversidade e a tolerância étnico-racial, é urgente reposicionar-se. A escola, os alunos e os profissionais da educação, em particular, os professores de História, podem contribuir para discutir esse assunto e fomentar atitudes de respeito à diversidade étnica e racial. Afinal, o ensino de história - além de preparar os alunos para exames seletivos e concursos - deve ter o compromisso de formar cidadãos preparados para a vida em sociedade.

Em torno desse horizonte pedagógico de expectativas, posicionamo-nos a favor de uma educação antirracista, libertadora e inclusiva. E, neste sentido, apropriamo-nos do pensamento de Celso Antunes no tocante à importância da escola, visto que ela é uma instituição que “precisa fazer do aluno uma pessoa que, compreendendo plenamente seu meio social, que pode e sabe agir nele e sobre ele” (ANTUNES, 2002, p. 48).

Em meio a esse panorama educacional, o ensino de história - enquanto um processo cumulativo, construído e compartilhado a partir da ação de homens e de mulheres no tempo - pode contribuir com uma formação crítica e socialmente referenciada dos educandos e dos educadores. Afinal, a cultura histórica é um processo intelectual, educativo e político sobre o qual se estabelecem possibilidades, transformações, legados e processos de identidades, representações e poder (RÜSEN, 2012).

Nesse movimento dialético, ambivalente e de (re)interpretações, o ensino de história não pode se limitar aos espaços de pesquisa e de ensino. Ele deve avançar sobre a realidade vivida e, cada vez mais, conectar-se ao presente histórico que associa o cotidiano e a realidade escolar. Nesse sentido, ao seu tempo e modo, o ensino de história pode intensificar a interação, as disputas e as negociações de diferentes sujeitos, comunidades, movimentos

sociais, partidos, instituições, políticas públicas (CRUZ; SANTOS, 2021). Um desafio para os profissionais do ofício, mas, sobretudo, para as políticas públicas voltadas para igualdade étnico-racial.

Entre os exemplos dessas disputas estão os resultados – expressos na legislação, políticas públicas e práticas de ensino – como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996); nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ensino Fundamental de 1998 e do Ensino Médio, de 1999; no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD); no Plano Nacional de Educação (PNE/2014); da Lei nº 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino da temática da “História e cultura Afro-brasileira”; na Base Nacional Curricular Comum (BNCC); e, mais recentemente, nas recentes discussões sobre o Novo Ensino Médio (NEM), entre outras.

Dentre os exemplos mencionados, o da obrigatoriedade do ensino de "História e cultura Afro-Brasileira" e, conseqüentemente, da importância em relação à diversidade étnico-racial, à tolerância religiosa e ao combate ao preconceito racial, está no centro de atenção do presente estudo.

A motivação para a escolha desse tema/objeto de estudo inspira-se nas experiências que vivenciei junto a minha família, em particular na trajetória de vida do meu marido - um negro bisneto de ex-escravizados. Quando o conheci, no final da década de 1990, alguns colegas e até pessoas da minha família, de forma sutil diziam: “- Ele é negro!” Os comentários e os olhares denunciavam que ele não era uma pessoa apropriada para estar ao meu lado – uma mulher de pele clara e de olhos verdes.

Lembro-me nitidamente do dia em que entramos em um ônibus do transporte público, a maneira como as pessoas nos olhavam. Os olhares incomodaram-me, perguntei para ele: – por que nos olhavam tanto? Ele respondeu com uma pergunta: – você não sabe? Olhe para sua cor! Aquela situação me fez perceber o quanto as pessoas alimentam atitudes preconceituosas. Estamos juntos há mais de duas décadas e infelizmente ainda percebo olhares de indiferença em relação a nós. Isso demonstra como o preconceito étnico-racial tem persistido e o quanto é necessário seguir no exercício de combatê-lo.

Perante essa realidade, posturas pedagógicas e críticas no campo do ensino de história são essenciais para combater o preconceito étnico-racial contra os afrodescendentes. Assim, surge o interesse por estudar o uso da música para combater esse preconceito no ensino de

história, em turmas do Ensino Fundamental II, de 7º anos, no Colégio Amadeus – escola particular de classe média alta, de Aracaju, Sergipe.

Essa ação foi trabalhada no segundo semestre de 2023, entre os meses de setembro e outubro, junto aos conteúdos previstos para o terceiro bimestre: Colonização espanhola na América, História e cultura dos povos africanos e a Chegada dos portugueses ao Brasil. Associado ao conteúdo referente à História e cultura dos povos africanos, foi realizada uma sequência didática com análises de letras de músicas. A música foi utilizada enquanto suporte metodológico e pedagógico, com o objetivo de valorizar a diversidade étnica e combater o preconceito racial.

Em vista disso, consultando a bibliografia correlacionada, os pesquisadores Oliveira e Freitas (2022) compreendem a sequência didática como um processo de ensino, um plano de atos determinados por uma expectativa de aprendizagem que esboça a conduta do professor e do estudante na aprendizagem. Os mencionados pesquisadores informam que a sequência didática é diferente do plano de aula. O traço que diferencia a sequência do plano é a presença de um planejamento de atos de aprendizagem que envolve reflexões e criação mental por meio de ações orientadas dentro de uma lógica de aprendizagem.

Em torno dessa definição conceitual, temos o objetivo de utilizar uma sequência didática pedagógica - a partir do uso de letras de músicas – no ensino de história para combater o preconceito étnico-racial contra a população negra, formada por pessoas declaradas e/ou identificadas como pretas e pardas.

É importante frisar que esta experiência foi desenvolvida, observando o Projeto Político e Pedagógico (PPP) da instituição de ensino. Em atenção a esse PPP, foi preciso atentar-se também à necessidade do cumprimento dos conteúdos previstos no livro didático para unidade e para o ano letivo.

A atenção para esta temática começou em 2018, no decorrer do referido ano, o Colégio Amadeus promoveu uma formação continuada para os docentes. A proposta da formação era capacitar os professores a desenvolverem planos de aulas que contribuíssem para romper com o modo tradicional de ensino, colocando o aluno como protagonista do processo de aprendizagem.

A partir desse processo formativo, comecei a desenvolver ações que conduzissem os alunos a executar atividades de pesquisa e trazer os resultados para debater nas aulas. Lembro-me de que uma das atividades foi direcionada para casos de intolerância a religiões

de matriz africana e a condição do negro na sociedade brasileira. No decorrer de uma dessas aulas, um aluno ao se declarar negro – mencionou que uma pessoa de sua família tinha atitudes preconceituosas em relação aos negros.

Quatro anos depois, em 2022, após o ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Sergipe, no primeiro dia de aula, o coordenador do curso, Lucas Pinheiro, apresentou a ementa do programa, tendo como uma das premissas elaborar um projeto de pesquisa a ser desenvolvido a partir da vivência da prática docente. No primeiro momento, não via a possibilidade de desenvolver um projeto, pois a minha realidade, enquanto professora da rede particular de ensino, leva-me a alguns entraves: sobrecarga de conteúdos, sequência de atividades propostos no livro didático adotado, necessidade de ajustes junto ao PPP da instituição. Além de outras atribuições inerentes ao cotidiano letivo: avaliações, calendário escolar e, sobretudo, limite da carga horária específica da disciplina de ensino de história – atualmente limitada a três horas/aulas/semanais para turmas do Fundamental II.

Diante disso, após dialogar com meu orientador, o professor José Vieira da Cruz, percebi o potencial das experiências já desenvolvidas junto aos planos de aulas para transformá-los em um produto, sem excluir o livro didático e nem me afastar do PPP da instituição. Nesse sentido, minhas experiências familiares, o relato do aluno sobre casos de preconceito contra pessoas negras e as frequentes denúncias de práticas racistas na mídia (televisão e redes sociais) contribuíram para reforçar a escolha pelo desenvolvimento de uma sequência didática com uso de músicas em aulas de história a fim de combater o preconceito étnico-racial.

Falar de preconceito não é uma tarefa fácil, já que o significado dessa palavra é visto como algo genérico. Logo, no presente trabalho, este conceito será discutido, associando a ideia de raça. Sobre isso, aproprio-me do argumento de Silvio Almeida para definir o preconceito racial como “juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado” (ALMEIDA, 2019, p. 22).

Mediado por esse conceito, essa pesquisa está fundamentada em práticas de ensino e de aprendizagem histórica focadas na desconstrução de visões tradicionais para desmitificar preconceitos, estigmas e discriminações. Em torno deste propósito, estão associados três objetivos específicos: descortinar como o preconceito em relação aos negros foi historicamente construído; desmascarar como diferentes formas de preconceitos persistem

enraizadas na nossa sociedade, e, por fim, estimular nos discentes posicionamentos de respeito e de valorização da diversidade étnico-racial.

Em torno dessa proposta, essa pesquisa foi estruturada em quatro capítulos: O primeiro intitulado “O ensino de História e o combate ao preconceito étnico-racial” faz um discurso sobre a criação da Lei 10.639 e a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar. Também desenvolve um debate teórico sobre a perspectiva do que é ensinar História; em seguida trata sobre a configuração da sequência didática.

O segundo, denominado “A escola na formação e na socialização do(a) cidadão(ã)”, tece uma discussão sobre o cenário escolar cuja pesquisa será desenvolvida. Ademais, trazem informações, sobre a configuração do questionário, o perfil dos alunos envolvidos e o entendimento acerca do conhecimento prévio dos estudantes em relação ao preconceito étnico-racial.

No terceiro capítulo, “Música, sequência didática e ensino de história”, apresenta-se um panorama do desenvolvimento da sequência didática nas aulas reservadas à aplicabilidade desse estudo, através de atividades, utilizando-se letras de músicas como recurso metodológico para o ensino de História. Por fim, conclui-se com o resultado do processo de ensino aprendizagem dos discentes em relação ao preconceito e à intolerância relacionados às questões étnico-raciais.

No quarto capítulo, denominado “Sequência Didática para combater o preconceito étnico-racial”, é disponibilizado uma sugestão acerca da estratégia pedagógica utilizando-se de letras de músicas enquanto recurso metodológico para combater o preconceito racial e valorizar a diversidade étnica da população negra.

CAPÍTULO 1

ENSINO DE HISTÓRIA E O COMBATE AO PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL

1.1. Impactos da Lei nº 10.639 de 2003

As décadas de oitenta e noventa do século XX estimularam discussões entre os diversos setores interessados em repensar a abordagem dos estudos históricos em sala de aula. Imerso neste contexto, após intensos debates, foi aprovada a Lei nº 10.639 de 2003, tornando obrigatório, nos currículos das escolas públicas e privadas, o estudo da história e da cultura da África e, por conseguinte, a história e cultura dos negros no Brasil, bem como, a importância da tolerância étnico-racial e de assuntos associados (BRASIL, 2003). Na sequência, o Parecer CNE/CP nº 003/04, introduziu, no campo da educação, o termo “educação das relações étnico-raciais”, como componente dos conteúdos curriculares.

A pesquisadora Marisa Antunes Laureano, no texto “O Ensino de História da África” (2008), informa a aprovação da lei supracitada, como resultado de uma luta histórica do movimento negro e das entidades que combatem o preconceito e a discriminação racial. Ainda nesse contexto, Anderson Ribeiro Oliva (2003), na obra “A História da África nos bancos escolares: “Representações e imprecisões na literatura didática”, pontua não ser uma tarefa simples aplicar a Lei nº 10.639 de 2003 nos currículos das escolas, pois algumas dificuldades estavam por vir. Dentre elas, estavam a abordagem reduzida dos conteúdos nos livros didáticos, o descaso da academia, a necessidade de formação específica dos professores e a falta de interesse de editoras pelo tema.

Laureano (2008) ressalta que houve resistência nas escolas para a efetiva aplicação da Lei nº 10.639 de 2003, além de pontuar a necessidade de mais ações para conscientizar gestores e professores sobre a importância dessa norma. Gonçalves (2014), por sua vez, aponta alguns motivos para justificar as dificuldades de inserir os conteúdos relativos à história africana nos níveis de ensino no Brasil. Ele pontua que a resistência à inserção dessa temática, na grade curricular de conteúdos das escolas, está relacionada ao preconceito, ao desinteresse e à crença de gestores e professores em acreditar que essa iniciativa não irá prosperar.

Ademais, José Ricardo Oriá Fernandes, no texto “Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades”, enfatiza a importância da inserção do ensino de história da África no currículo da educação básica, pois é de:

Fundamental importância a inclusão do ensino de história da África no currículo da educação básica, por saber que a instituição escolar tem um papel fundamental no combate ao preconceito e à discriminação, porque participa na formulação de atitudes e valores essenciais à formação da cidadania de nossos educandos. Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro (FERNANDES, 2005, p. 381).

Como observado, a inserção dessa temática, no currículo escolar, é benéfica, precisa e necessária para desconstruir a visão tradicional erguida a partir de uma ideologia eurocêntrica, estrutural do colonialismo e do imperialismo marcado pelo preconceito.

Andrey Cordeiro Ferreira (2014, p. 276) define o colonialismo como “um processo de ocupação do território e a constituição de um assentamento/grupo social relacionado a um centro de poder exterior”. Entendemos o imperialismo como “[...] submissão ao poder da metrópole como forma de absorção política das terras, onde funcionários, mercadores, industriais exercem seu poder econômico sobre “as raças inferiores” [...]” (BUGIATO, 2009, p. 130). Em relação ao eurocentrismo, Anibal Quijano (2005) o delibera como uma perspectiva eurocêntrica de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica tanto na Europa como no resto do mundo.

Voltando à discussão da Lei nº 10.639 de 2003 nos currículos escolares, observamos sua necessidade, sua importância formativa e de socialização no combate ao preconceito étnico-racial; em razão da possibilidade de gerar ações que contribuam para a desconstrução de estereótipos, preconceitos e estigmas enraizados na sociedade em relação à história e à cultura da população negra.

Nilma Gomes (2005) alerta que muitos(as) educadores(as) pensam que discutir sobre relações raciais é tarefa para militantes políticos, sociólogos e antropólogos. No entanto, ela considera a discussão em torno dessa temática, na educação escolar, fundamental para a formação cidadã. Nessa perspectiva, a pesquisadora também destaca que a escola não pode ficar limitada à transmissão dos conteúdos históricos desvinculados da realidade social brasileira.

No texto “Racismo - uma Questão Étnica Racial Brasileira”, o pesquisador Gutemberg Salles (2018) pontua que para os objetivos previstos na Lei nº 10.639 de 2003 serem

alcançados, faz-se necessário o sistema de ensino reconhecer a realidade social da população negra.

Outrossim, uma pesquisa publicada pelo Datafolha aponta que 81% dos entrevistados concordam com a ideia de que a discriminação racial precisa ser debatida pelos professores nas escolas. (CASTRO, 2022). A coordenadora dessa pesquisa, Denise Carreira, acredita que esse estudo explicita o desejo da população em relação à função formativa da escola. Em outras palavras, a sociedade entende que o ensino escolar não pode ficar restrito apenas aos conteúdos previstos nos livros didáticos – é preciso inserir temas que abordam questões sociais, étnico-raciais e sensíveis ao cotidiano da sociedade.

A pesquisadora Souza (2017) observou a não aplicação plena, após quase dez anos, da promulgação da Lei 10.639; além de ser ainda considerado um tema polêmico. Um dos motivos para justificar essa situação é a falta de empenho de alguns segmentos que deveriam estar à frente dos processos de implantação da lei; não obstante destaca um crescimento significativo na produção de material didático e de temas relacionados à cultura afro-brasileira e de África nas reflexões e ações dos educadores. No entanto, a autora pontua que parte desse material apresenta problemas, de modo que alguns deles divulgam informações, o que reforça estereótipos e demonstra um conhecimento precário em relação à temática prevista na lei.

Para Gonçalves (2014, p, 96), os “povos e civilizações da África merecem a atenção dos brasileiros não somente porque são os ancestrais dos negros que para cá vieram, mas também porque têm muita coisa a ensinar aos seres humanos daqui, de lá e d’acolá”. Diante disso:

Devemos destacar que a Lei 10.639/03 não inclui somente novos conteúdos também provoca um repensar sobre as relações sociais e étnico-raciais, assim como uma reflexão sobre os procedimentos de ensino, as ações pedagógicas e os objetivos da educação nas instituições escolares. É um novo olhar e uma mudança de postura sobre a história afro-brasileira. É uma mudança nas práticas pedagógicas para que se reverta à visão estereotipada sobre a população negra (FÁTIMA; PRADO, 2016, p. 131).

Assim, é preciso considerar a mudança de abordagem que essa lei traz ao permitir aos alunos compreenderem a história dos negros para além das relações do trabalho escravo. Diante disso, a escola, enquanto instituição, e os professores precisam estar comprometidos com ações para combater o preconceito étnico racial, pois “os humanos não se constituem apenas de intelecto, mas também de diferenças, identidades, representações e valores” (GOMES, 2005, p. 154).

Iniciamos a discussão apresentando os desafios para a aplicação da Lei 10.639/2003. Os pesquisadores Oliva e Conceição (2023), no texto “A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003”, mostram dados relevantes sobre as conquistas e os avanços em relação a essa Lei. Eles informam que, após vinte anos de vigência da referida Lei, foi possível redesenhar e ampliar o enfrentamento ao racismo em nosso país através da luta por uma educação antirracista. Segundo eles o programa do Profhistória tem contribuído para tal, pois, de 2014 a 2022, houve o crescimento de pesquisas acadêmicas desenvolvidas por professores de História que trata de questões raciais e do enfrentamento do racismo. Esses pesquisadores avaliam que:

Esse conjunto de trabalhos, focando a escola e o ensino de História, representa um importante movimento no campo da produção acadêmica, que ousa tensionar o ensino de História na perspectiva da construção de uma educação e de um ensino antirracistas ancorados nos princípios da reparação (OLIVA; CONCEIÇÃO, 2023, p. 14).

Por fim, concluímos essa parte do debate, entendendo que a proposta dessa pesquisa irá construir caminhos para a edificação de uma educação antirracista.

1.2. Consciência histórica, ensino de História e preconceito étnico-racial

O que é História? Para que serve? Por que devemos estudá-la e conhecê-la? Essas questões mobilizam os historiadores empenhados em refletir sobre seu ofício e a importância da História para sociedades humanas (MIRANDA, 2021, p. 05).

Definir o que é História e para que ela serve nos leva a diversas reflexões, pois, não há uma visão fechada, existem múltiplas possibilidades de pensar a aprendizagem histórica e o ensino histórico. Fundamentados na ideia de Rüsen (2012, p. 73), compreendemos a aprendizagem histórica “como um processo fundamental e básico da vida humana prática”. E assim como ele, entendemos o aprendizado histórico como um processo de operações mentais e não apenas uma interpretação do passado humano – mas um meio para aplicar o conhecimento histórico mediante a análise de problemas do presente. De tal maneira, a formação de uma consciência social deve ser a finalidade da aprendizagem histórica.

Schmidt (2017), no estudo da teoria de Rüsen e suas contribuições para o ensino de História, informa que a aprendizagem histórica defendida por esse teórico é definida como um

processo fundamental que tem como referência a ciência da história. Porquanto, a “consciência histórica” defendida por ele, é o modo pelo qual a relação dinâmica entre experiência do tempo se realiza no processo da vida humana.

Nessa perspectiva, o aprendizado histórico ocorre no campo da didática. Essa operação mental acontece através da narrativa histórica, por meio dela a “particularidade e processualidade da consciência histórica podem ser explicitadas didaticamente e constituídas como uma determinada construção de sentido sobre a experiência no tempo” (SCHMIDT, et. al, 2011, p. 42-43).

A narrativa histórica pode ser vista como aprendizado quando as competências forem adquiridas através de uma função produtiva do sujeito, na qual a história será marcada como fator de orientação cultural na vida prática humana. “A unidade do aprendizado histórico em suas complexas referências a desafios do presente, experiências do passado e expectativas de futuro encontra-se resolvida na estrutura narrativa deste trabalho de interpretação” (SCHMIDT, et. al, 2011, p. 43-44).

Quando o aprendizado histórico considera apenas o processo cognitivo, torna-se algo parcial. Todavia, espera-se que esse aprendizado não seja:

Somente uma competência para a interpretação do passado humano como história, mas também de se distinguem a competência estética, a qualidade e a particularidade do passado em sua singularidade e diversidade de circunstâncias presentes, e a competência prática de empregar conhecimento histórico na análise, no julgamento e no tratamento dos problemas do presente (SCHMIDT, et. al, 2011, p. 44-45).

A construção narrativa sobre a experiência temporal acontece através da existência de quatro formas de aprendizagem histórica: tradicional, exemplar, crítica e genética. Na forma tradicional, o aprendizado acontece seguindo o exemplo das tradições que serão aceitas, reconstruídas e servirão para orientar a vida prática. No aprendizado exemplar, a experiência histórica será interpretada como regra necessária para o emprego prático da vida. Na crítica, a interpretação da vida prática é anulada e o aprendizado serve para negar a identidade pessoal e social do modelo histórico. No aprendizado genético, os sujeitos aprendem na aquisição da experiência histórica e aprendem a orientar temporalmente sua própria vida prática (SCHMIDT, et. al, 2011).

Rüsen considera a aprendizagem histórica como um processo fundamental e básico da vida humana. Ele a define como “um processo auto-reflexivo das operações de consciência,

no qual se trata do processamento produtivo da experiência temporal na interpretação do tempo, adquirindo novas competências nesse processamento” (RÜSEN, 2012, p. 78).

Para Berutti e Marques (2009), o sentido do conhecimento histórico pressupõe a compreensão por parte dos alunos de múltiplas realidades, tanto do passado quanto do presente. Um dos efeitos esperados do ensino de história é que ele possa fazer um recorte do passado a partir das demandas do presente. Essa demanda deve ser o ponto de partida para construção do aprendizado histórico. Por meio desse processo, o professor torna-se um agente na elaboração e reelaboração do conhecimento histórico.

O ensino, nessa perspectiva, deverá ser capaz de produzir “efeitos no modo como as novas gerações vão olhar para si mesmas, para o seu mundo e os outros” (PEREIRA; RODRIGUES, 2017, p. 32), já que um dos principais objetivos do ensino de história é: “[...] desenvolver nos alunos a compreensão histórica da realidade social, ensinar é fazer o aluno compreender e explicar historicamente a realidade” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 53).

Diante dessa premissa, ensinar história é fazer os alunos entenderem a realidade social na qual eles estão inseridos e perceberem que fazemos parte de um processo histórico. É criar e buscar as possibilidades de explicar as ações dos humanos no passado e no presente e, a partir disso, auxiliá-los a compreenderem-se como sujeitos históricos em constante transformação. Segundo Schmidt, um dos primeiros pressupostos do ensino de História:

É o de que o professor (historiador) não pode, em hipótese alguma, ser um mero reprodutor/transmissor, depositador de conhecimentos nos alunos... a finalidade do ensino de História é a formação da consciência histórica do sujeito criança e sujeito jovem e de que esse sujeito está em relação dinâmica com a cultura histórica da sociedade em que vive (SCHMIDT, 2014, p. 43).

Em relação à formação da consciência histórica, Kátia Maria Abud informa: “o conhecimento histórico é a principal ferramenta na construção da consciência histórica, que articula o passado com as orientações do presente e com as determinações de sentido com as quais o agir humano organiza suas intenções e expectativas no fluxo do tempo” (ABUD, 2017, p. 15).

Borries, por sua vez, ressalta a existência de explicações contraditórias e complexas para ensinar história. Para ele, o ensino deve ser transmitido por meio de um “modelo de pensamento” e não uma narrativa cronológica, pois cronologias simplificam o passado. Esse pesquisador, também, informa que o ensino de História, “não é um cânone de dados para

conservar e transmitir para a próxima geração suas subculturas, mas uma maneira de construir competências de pensar historicamente diferentes contextos” (BORRIES, 2016, p. 175).

Portanto, aprender História significa “desenvolver a capacidade de relacionar, comparar, analisar e fazer a leitura de processo histórico que possibilite a interpretação da realidade” (RIBEIRO, 2021, p. 38). De acordo com Rüsen (2012), no ensino de história o conhecimento histórico desempenha a função prática na formação do aluno. Nessa conjuntura, a história é interpretada de modo a compreender o presente e perspectivar o futuro. O autor defende a produção do conhecimento histórico a partir da ênfase no desenvolvimento das habilidades de rememorar, interpretar e orientar-se.

Segundo Rüsen (2012), é preciso formar um indivíduo que pensa historicamente, isso só acontece quando o aluno começa a pensar articulando presente, passado e futuro. O ensinar e o aprender precisa pôr em ação o desenvolvimento de quatro habilidades: experimentar, interpretar, orientar e estimular. Ou seja, quando o aluno conhece e entende o passado, ele percebe que não pode agir igual a esse tempo, uma vez que o conhecimento histórico produz nele uma mudança de atitude para agir na vida prática. O estudante passa a atuar na sociedade, como sujeito, para mudar a realidade. Nesse sentido, a história, enquanto ciência, possui uma teoria que constitui sentido para a vida.

Barom (2015), ao analisar as contribuições do pensamento de Rüsen para o campo da história e seu ensino no Brasil, observou que para esse pesquisador a história, enquanto ciência tem seus fundamentos na vida prática. Desse modo, a formação da consciência histórica deve ser o objetivo do ensino da história. Contudo, Barom ressalta que esse ensino está diante de um desafio, tornar esse passado como algo capaz de orientar o aluno a agir em direção ao futuro. Assim, a História

É um modo distinto de pensamento, um acesso metódico para um melhor entendimento do mundo e de si, uma ferramenta para decodificar fenômenos e orientações no presente e no futuro – basicamente efetuada por narrativas “verdadeiras” sobre eventos passados, mudanças e desenvolvimentos. Se nós escolhemos a “história” como uma explicação, nós fazemos o passado responsável pelo presente e nós temos que levar o “acaso” ou o “acidente” em conta (“contingencial”). Ao contrário, nós temos o problema da trivialidade ou dos argumentos circulares: Explicações históricas nas quais as coisas que são de um modo particular são como elas são porque elas têm que ser como elas são (BORRIES, 2016, p. 172-175).

No Brasil o ensino de História está previsto nas normativas da BNCC (2017). As competências desse documento em relação à educação básica no âmbito das Ciências

Humanas preveem o desenvolvimento do aluno para: o exercício da empatia, o respeito ao outro, a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais sem preconceitos de qualquer natureza.

Nas normativas dos PCNs (1998), a orientação sobre o ensino de História prevê que ao longo do ensino fundamental, os alunos gradativamente possam ampliar a compreensão de sua realidade, especialmente confrontando-a e relacionando-a com outras realidades históricas. E, assim, possam fazer suas escolhas e estabelecer critérios a fim de orientar suas ações. Por esses parâmetros, os alunos devem ser capazes de conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos, em diversos tempos e espaços. Esse documento também orienta que o aprender e ensinar História contribua com a formação dos alunos como sujeitos críticos da realidade social e sujeitos ativos no processo de ensino e de aprendizagem.

Em relação ao currículo de Sergipe (2018), o ensinar e o aprendizado de História devem ser conduzidos pelo desenvolvimento das competências de valorização à diversidade entre indivíduos e grupos, respeitando, reconhecendo e valorizando as diferenças étnico-raciais na construção de uma sociedade brasileira e sergipana mais justa, solidária, responsável e democrática.

Sendo assim, fundamentada no princípio de possibilitar práticas de ensino que promovam a construção da consciência histórica e, considerando as normativas apontadas, bem como a Lei nº 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “História e cultura Afro-brasileira”, esse estudo busca estimular princípios, visão e valores estabelecidos no Projeto Político e Pedagógico (PPP) do Colégio Amadeus, cuja missão é a educação para a vida. Isto é, em torno deste propósito, o combate ao preconceito étnico-racial em favor de atitudes, valores e práticas de socialização inclusivas, plurais e humanistas.

Nos últimos tempos, o número de produções acadêmicas que abordam questões étnico-raciais, no espaço escolar, vem crescendo. A pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2018), no trabalho “*Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares*”, fez o mapeamento de experiências de educação em estabelecimentos de ensino, no que diz respeito à educação étnico-racial entre 2003 e 2014, constatando esse crescimento.

Dessa forma, o banco de dissertações do mestrado profissional nacional (ProfHistória) apresenta várias pesquisas relacionadas a esse assunto. Dentre elas, destacamos a dissertação “A dois passos de Wakanda: uma proposta de uso do cinema com temática negra para o

ensino de história”, de Jairton Peterson Rodrigues dos Santos (2021), que discorre sobre a representação do negro no filme *Pantera Negra* (2018).

Santos (2021) analisa como o cinema tem sido e pode ser utilizado como recurso didático para trabalhar tanto especificidades quanto multiplicidades das relações étnico-raciais. Essa dissertação é resultado de experiências pedagógicas junto ao “Projeto de Consciência Negra” – desenvolvidas no Colégio Estadual Olavo Bilac (CEOB), Aracaju/SE. Nesse espaço escolar, colocou-se em prática uma sequência didática centrada no referido filme, associando-o aos conteúdos de ensino previstos para turmas do Ensino Médio.

O autor utiliza o filme como meio para combater visões pejorativas sobre os povos africanos, promover a valorização dos negros e o respeito à diversidade étnico-racial tanto na África quanto entre as populações afrodescendentes. Embora haja algumas diferenças em relação à proposta desta dissertação, enquanto Santos trabalha a partir do cinema, nossa sequência didática trabalhará com a música; há, portanto, uma consonância com os objetivos de valorização da diversidade étnica, de combate ao preconceito contra os negros, bem como, quanto ao uso pedagógico do recurso da sequência didática.

Outro exemplo é a dissertação “Sequência didática para uma educação antirracista e em perspectiva decolonial: conceitos fundamentais, roteiro urbano e fontes literárias”, de Sara Cesar Brito Mota (2020). Nesse trabalho, a pesquisadora apresenta uma sequência didática com reflexões que permitem levar os estudantes a desenvolverem comportamentos antirracistas, ou seja, contrários à prática do racismo.

A proposta do trabalho, como expresso no título, foi o de criar uma sequência didática com roteiro de atividades para discutir a questão do racismo, do preconceito e da discriminação presente na sociedade. Essa sequência foi aplicada aos alunos do 1º Ano do Ensino Médio de uma escola estadual da cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro, no ano de 2020.

A estratégia utilizada por Mota para trabalhar o tema foi elaborar uma sequência didática relacionando a questão da escravidão africana no Brasil e da persistência de diferentes formas de preconceito, discriminação e intolerância étnico-racial – temáticas abordadas a partir da utilização de músicas, roteiros urbanos e obras literárias de autores negros para abordar o tema.

Nesse contexto, por aproximação temática, algumas das estratégias utilizadas por ela vão servir de referência para a sequência didática que esse estudo desenvolveu. A primeira é

associar a temática do preconceito ao conteúdo do continente africano, em particular, das populações afrodescendentes no Brasil, já a segunda tem o uso da música como recurso didático pedagógico para discutir o tema relacionado à discriminação étnico-racial.

1.3. A opção pela construção de uma sequência didática

O desafio de combater o preconceito étnico-racial articulado aos conteúdos de ensino de História – previstos no PPP do Colégio Amadeus –, reforçou a escolha por desenvolver uma sequência didática utilizando músicas (letras e áudios). O público-alvo dessa pesquisa/atividade de ensino são estudantes de turmas do 7º Ano “A” e “B”, matutinas, do Ensino Fundamental II, da Instituição supracitada, escola particular de classe média alta, em Aracaju, Sergipe.

De acordo com Antoni Zabala, uma sequência didática pode ser definida como um conjunto de atividades que permite trabalhar elementos numa determinada ordem de atividades articuladas em um estudo sob a perspectiva de alcançar objetivos educacionais. Segundo o pesquisador, os processos de ensino e de “aprendizagem [são] uma construção pessoal que cada menino e cada menina realizam graças à ajuda que recebem de outras pessoas” (ZABALA, 1998, p. 63).

Frente a esse intuito, as ações dessa proposta de ensino foram divididas em três momentos/semanas. Considerando a utilização de uma hora/aula semanal, com duração de cinquenta minutos. Entretanto, a conclusão só foi possível após quatro aulas. Esse planejamento – relacionado ao tempo disponível para a realização da atividade – faz-se necessário em razão da demanda de conteúdos e de atividades previstas na atual realidade das escolas brasileiras e da organização interna da escola em que foi aplicada a pesquisa.

A configuração da sequência didática foi estruturada levando em consideração as condições de ensino e de aprendizagem com a composição da carga horária do ano letivo, com uma média de 32 semanas e atenta aos conteúdos do livro didático da coleção História “Bernoulli Sistema de Ensino”, adotado no Colégio Amadeus para o Ensino Fundamental II. A referida coleção divide o conteúdo em quatro módulos, um para cada bimestre. Geralmente, são dedicadas oito semanas letivas para o estudo de cada módulo – perfazendo um total de 24 aulas.

Em vista disso, o conteúdo previsto, do primeiro ao terceiro bimestre, corresponde a três capítulos, já para o quarto, ou seja, o último bimestre, o conteúdo corresponde a dois capítulos. A média de aula para cada capítulo geralmente equivale a seis aulas, isto é, duas semanas. Diante desse quantitativo, parece ser tranquilo executar as ações desse projeto. No entanto, vale ressaltar, além dos entraves apresentados anteriormente, como a demanda de conteúdos e das ações pedagógicas da escola, há outros obstáculos que podem interferir na execução das atividades da sequência didática.

Em consequência, destacam-se os períodos das avaliações, de modo que ocorrem em dois momentos distintos: o microteste, com peso 2,0 (dois) consequentemente, a avaliação com peso 7,0 (sete) mais 1,0 (um) para as atividades executadas em casa/sala. Durante esses momentos, em geral, as aulas são direcionadas para a revisão de conteúdos através de atividades de fixação. Em face do exposto, não há possibilidade de separar várias aulas para desenvolver a sequência didática. Como é perceptível, as aulas e seus primeiros direcionamentos são bem marcados, não permitindo uma mudança maior em sua organização.

Posto isso, as ações foram divididas e executadas, alinhadas aos conteúdos da terceira unidade. Primeiramente, aproveitamos a aula referente à história do continente africano como contextualização inicial; segundo, as ações pedagógicas foram desenvolvidas utilizando músicas (letras e áudio) como documento histórico; terceiro momento ocorreu mediante um momento de culminância e de socialização da aprendizagem.

Desse modo, uma semana antes da aplicação da presente proposta, foi aplicado um questionário tipo *survey*, através do uso da ferramenta *Google Forms*; com o objetivo de coletar dados em relação ao perfil das turmas: quantitativo de alunos, idade, identidade étnico-racial declarada e gênero.

Além disso, completava o questionário questões objetivas que buscavam coletar, dos discentes participantes, respostas a respeito do aprendizado/experiência em relação à diversidade étnica e do preconceito e intolerância racial. A tabulação e análise desses dados, em momento posterior a aplicação da sequência didática, são usados para mensurar o *feedback* do aprendizado dos estudantes quanto à valorização da diversidade étnica e do combate ao preconceito contra a população preta e parda.

Em torno desse horizonte de aprendizagem, nos 50 minutos da primeira semana/aula desta sequência, ocorreu por meio de uma aula expositiva com uso de mapa. Através disso foi elucidada a diversidade espacial, cultural e social da África, enquanto continente constituído

por vários países, religiões, etnias e civilizações. Além disso, as interações e as contribuições culturais desses povos para constituição da sociedade brasileira.

Nos cinquenta minutos da segunda e da terceira semana/aula, a proposta trabalhou os significados de atitudes de preconceito ou intolerância étnico-racial através da análise das músicas (letras e áudios): “Olhos coloridos”, de Sandra de Sá, e “Alma Negra”, de Yzalur. No primeiro momento, pensei em listar músicas de diferentes estilos que denunciavam o preconceito. Mas, após intensa pesquisa, identifiquei palavras não apropriadas nas letras das canções. Então, optei pelo critério de não utilizar músicas que apresentam palavras torpes para não infligir a ética da instituição.

E, por fim, nos 50 minutos da quarta semana/aula – após o processo de diagnóstico, exposição de conteúdos e da análise de composições musicais – foi realizado uma culminância. Esse momento aconteceu com a apresentação dos trabalhos confeccionados pelos alunos acerca do tema combate ao preconceito étnico-racial. As produções resultantes desses trabalhos foram expostas em um mural fixado no pátio da escola com paródias, poemas e uma história em quadrinhos.

Imagem 1 - Exposição dos trabalhos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023

Sob outro ângulo, avaliou-se também a possibilidade de construção de um perfil no Instagram para postagem de *cards*, *reels* entre outras mídias sociais. Dessa maneira, ponderamos, junto ao orientador, as implicações favoráveis e contrárias a essa possibilidade –

considerando tanto a realidade quanto a dinâmica de uma escola privada de classe média alta. Ao final, constatou-se que essa mensuração/atividade pode ser desenvolvida em outra etapa/oportunidade.

Portanto, após as quatro semanas da aplicação da sequência didática, a exemplo da fase de realização do diagnóstico do perfil da turma e dos conteúdos adquiridos, foi aplicado um segundo questionário, através do *Google forms*, com o objetivo de obter um *feedback* do processo de ensino-aprendizagem, comparando as experiências anteriormente aprendidas e as trabalhadas no curso da sequência didática em relação às questões étnico-raciais. Tais dados foram mensurados no terceiro capítulo deste estudo.

CAPÍTULO 2

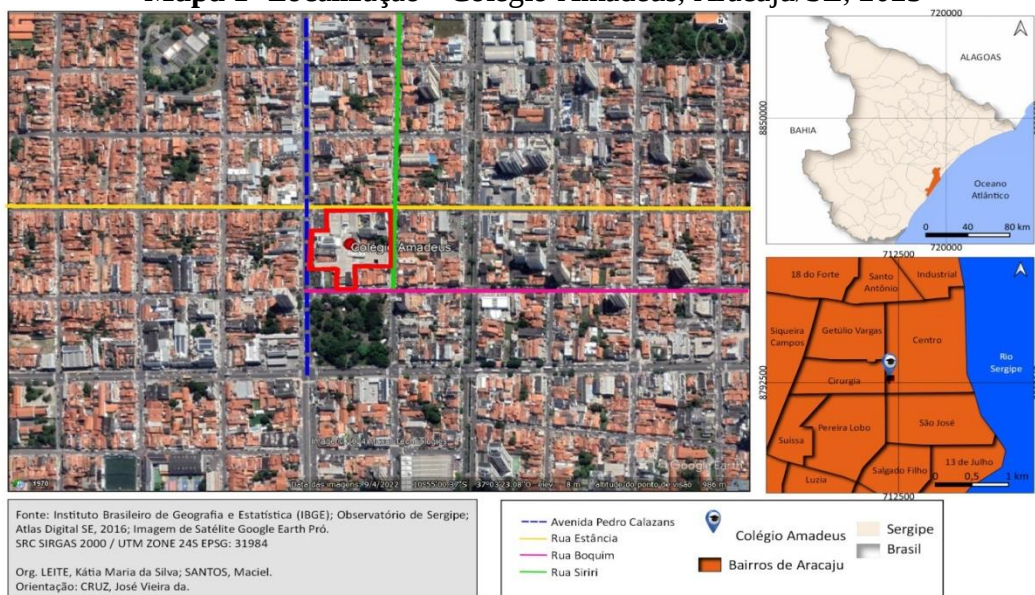
A ESCOLA NA FORMAÇÃO E NA SOCIALIZAÇÃO DO(A) CIDADÃO(Ã)

2.1. Conhecendo o Colégio Amadeus

O objetivo desse trabalho é potencializar práticas de ensino e aprendizagem de história, tendo como foco o combate ao preconceito étnico-racial em relação ao negro na sociedade brasileira. Mediante esse objetivo, desenvolvemos uma sequência didática, utilizando letras de músicas para valorizar a diversidade étnico-racial da população afrodescendente – formada por pessoas pretas e pardas.

As atividades foram aplicadas em turmas do 7º ano do Ensino Fundamental Maior II, no Colégio Amadeus, unidade da rede particular de ensino. A referida instituição está localizada na rua Estância, nº 1003, no município de Aracaju, capital do estado de Sergipe. O Colégio atende à classe média alta, funciona no turno matutino, oferta desde a Educação Infantil, Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), ao Ensino Médio. Além disso, à noite compartilha seu espaço com as atividades da Faculdade Amadeus (FAMA).

Mapa 1- Localização - Colégio Amadeus, Aracaju/SE, 2023



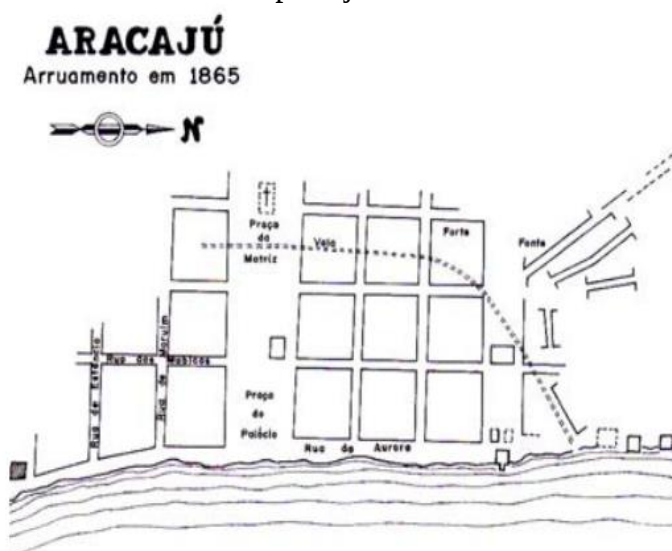
Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2016.

Aracaju está localizada na região Nordeste do Brasil, cujo município abrange uma área de 181,8 Km², situado na porção leste do estado. De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ano 2022, a população aracajuana corresponde a 602.757 pessoas. Ainda conforme este censo, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,770.

Até o século XIX, a capital de Sergipe era a cidade de São Cristóvão, situada às margens do rio Vaza-Barris. Entretanto, a transferência da capital para Aracaju, às margens do estuário do rio Sergipe, só ocorreu em 17 de março de 1855. A historiografia apresenta vários debates em relação à causa dessa mudança. No tocante, o historiador José Calazans, no texto “Contribuição à história da capital”, ressalta que essa mudança aconteceu para atender às necessidades de escoamento da produção açucareira a partir de um novo porto marítimo – condição que colocou Aracaju em vantagem em relação a São Cristóvão.

Anselmo Belém, em “Grande Aracaju: Processo de uma metropolização emergente”, observou que a produção açucareira necessitava de um porto bem estruturado para receber navios de grande porte para ampliar a exportação do açúcar. Diante do cenário de desenvolvimento econômico que estava acontecendo, promulgou-se, então, a nova capital da província. Famílias ricas passaram a se estabelecer no centro da cidade, enquanto as populações de origem afrodescendente, em sua grande maioria, foram deslocadas para regiões periféricas.

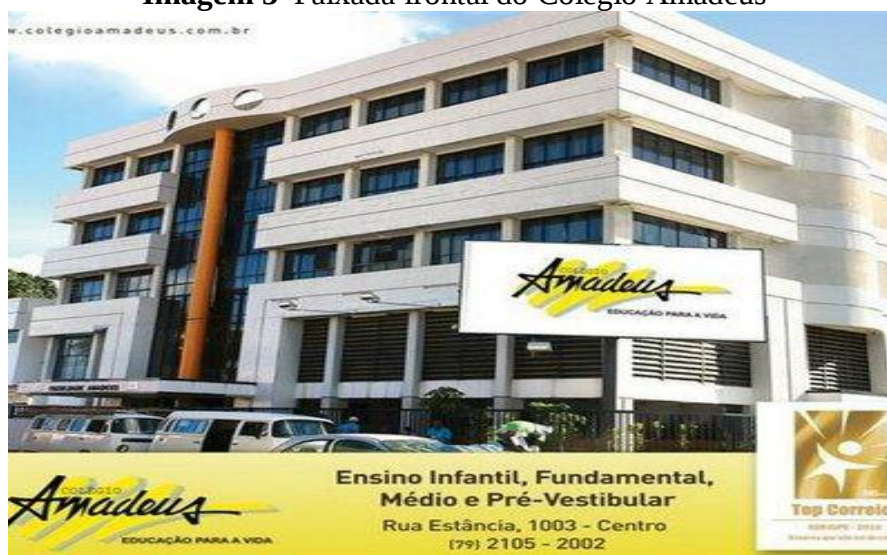
Imagem 2 - Quadrado de Pirro: ensaio planejado do arruamento de Aracaju



Fonte: Machado (1990, p. 34).

É nessa área central e privilegiada de Aracaju que o Colégio Amadeus está situado. Ele iniciou as atividades pedagógicas em 1992, no turno matutino, atendendo desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Atualmente o quadro de funcionários corresponde a 204 pessoas, subdivididos em 1 diretor, 5 coordenadores pedagógicos e 109 professores. Os demais fazem parte do setor administrativo. A estrutura física dispõe de laboratórios de química e de física, biblioteca, enfermaria, sala de estudo, sala de recursos, sala de professores, quatro auditórios, quadra poliesportiva, centro de ginástica, refeitório entre outros espaços.

Imagem 3–Faixada frontal do Colégio Amadeus



Fonte: Amadeus, 2023.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição, está previsto desenvolver uma visão educacional de autonomia, cidadania, responsabilidade e valores humanos. Dentro de uma perspectiva de que o homem é um ser social, responsável pelo seu bem-estar, pelo outro e pelo meio ambiente. Também prevê que o professor crie estratégias de aprendizagem para possibilitar o desenvolvimento de competências e habilidades dos alunos, levando-os a refletir sobre temas que discutam e respeitem os valores morais, sociais e culturais (AMADEUS, 2017, p. 23).

Em relação ao ensino, a proposta pedagógica do Colégio Amadeus prevê a formação do educando, privilegiando o respeito à diversidade e às diversas manifestações culturais, artísticas e sociais para construir uma sociedade mais justa e fraterna (AMADEUS, 2017). Diante dessa proposta, a instituição adotou o projeto “Forças do Caráter”, no ano de 2018,

idealizado pela equipe de psicólogos. Esse projeto é executado, no decorrer do ano letivo, juntamente com alguns professores. Mensalmente, uma virtude é abordada: respeito, tolerância, empatia, gentileza, solidariedade, entre outras. O Colégio Amadeus aborda esse assunto para estimular, promover e nutrir valores que auxiliem na formação do educando em sua plenitude humana.

Com isso, o papel atribuído à escola não se resume ao desenvolvimento das capacidades cognitivas dos alunos para aprovação em seleções, provas e concursos. A proposta pedagógica do Colégio Amadeus visa, sobretudo, oferecer uma educação que contribua na formação do educando para viver em sociedade. Segundo Zabala, as escolas devem preocupar-se com o desenvolvimento de habilidades, pois, o ato de “educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em comportamentos estanques, em capacidades isoladas” (ZABALA, 1998, p. 28).

Ainda que não esteja explícito, no PPP do Colégio Amadeus, a temática da diversidade étnico-racial, convém ressaltar que uma das orientações desse documento para os professores, é que eles possam desenvolver estratégias de ensino para mobilizar e estimular a formação do educando, respeitando à diversidade. Ademais, a proposta norteadora do ensino busca promover uma educação reflexiva sobre temas que discutam e respeitem os valores morais, sociais e culturais.

Dessa forma, avaliando a escola como um espaço de múltiplas relações sociais, pedagógicas e políticas, os docentes da instituição procuram apropriar-se de estratégias e práticas de ensino contra o preconceito e a intolerância étnico-racial. Nesse sentido, a escola não é “somente o espaço onde o aluno adquire informações sistematizadas pela disciplina, mas também o lugar onde se aprendem conteúdos sociais e culturais associados a comportamentos e valores” (BITTENCOURT, 2008, p. 106). Agindo assim, o docente irá contribuir para a formação do indivíduo que compreende seu meio social e, através disso, mobiliza e estimula a construção de um futuro melhor.

De tal modo, a escola pode contribuir com o desenvolvimento de ações para combater o preconceito étnico-racial contra as populações negras, visto que seu papel essencial é potencializar a socialização e a formação de princípios de igualdade e respeito à pessoa humana. Agindo assim, cooperará para a construção de uma sociedade igualitária, inclusiva e resiliente a qualquer forma de intolerância e preconceito. Em suma, a escola é o lugar

fundamental para o conhecimento da diversidade, da pluralidade das sociedades em que vivemos e para ampliar o olhar sobre o mundo (PRADO, 2021).

2.2 O perfil dos alunos

A discussão do perfil dos alunos que constituíram a amostra dessa pesquisa foi realizada por meio de uma coleta de dados a respeito do quantitativo: de estudantes envolvidos na pesquisa, turmas, idade, identidade étnico-racial declarada e gênero. Além disso, também foram coletados, através de perguntas abertas, o registro por parte dos alunos de relatos de experiências, as impressões e/ou posicionamentos – já adquiridos antes da sequência didática a ser aplicada por essa experiência pedagógica de ensino de história.

Como já mencionado, o público-alvo envolvido neste trabalho de pesquisa é de estudantes do turno matutino de turmas do 7º Ano “A” e “B”, do Ensino Fundamental do Colégio Amadeus, uma escola de classe média alta da rede privada, localizada no conveniado centro de Aracaju. O quantitativo de alunos matriculados, em cada turma, corresponde a 38 no 7º “A” e 37 no “B”, perfazendo uma amostra de 75 educandos matriculados.

Diante do exposto, mediante aplicação de um formulário de coleta de dados – tipo *survey*, formatado através do emprego da ferramenta *Google Forms*, disponível no apêndice desta dissertação, foi realizado a prospecção do diagnóstico do perfil dos alunos. Paralelamente, em torno dessa ferramenta e amostra, buscamos identificar quantos alunos participaram desse processo de ensino e de aprendizagem e qual a faixa etária dos discentes. Bem como, o modo como eles se identificam em relação ao gênero e à identidade étnico-racial. E quais aprendizados eles já possuíam em relação ao preconceito contra a população negra.

O formulário/questionário é composto por nove perguntas, sendo cinco questões objetivas e quatro subjetivas, elaboradas seguindo os preceitos da obra “Técnicas de pesquisa”, de autoria das pesquisadoras Marina de Andrade Marconi; Eva Maria Lakatos. De acordo com essas autoras, o “questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 98).

Esse questionário está dividido em duas partes. Na primeira delas, o objetivo foi identificar a faixa etária, o gênero e a etnia declarada. Na segunda, abordaram-se questões subjetivas abertas - com o intuito de prospectar/diagnosticar opiniões, posicionamentos e interpretações dos discentes pesquisados em relação ao preconceito étnico-racial contra os negros.

A utilização de questionários/metodologias de diagnósticos, tipo *Survey*, para coletar dados, possui vantagens, embora exija alguns cuidados. Consoante Marconi e Lakatos, dentre as vantagens de utilizar esse método na pesquisa estão:

- a. Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.
 - b. Atinge maior número de pessoas simultaneamente.
 - c. Abrange uma área geográfica mais ampla.
 - d. Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo.
 - e. Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.
 - f. Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.
 - g. Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.
 - h. Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.
 - i. Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.
 - j. Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.
 - 1. Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.
- (MARCONI; LAKATOS, 2002, p. 98-99).

Entretanto, além das vantagens, é preciso atentar-se para alguns cuidados e limitações em campo, como, por exemplo:

- a. Percentagem pequena dos questionários que voltam.
 - b. Grande número de perguntas sem respostas.
 - c. Não pode ser aplicado a pessoas analfabetas.
 - d. Impossibilidade de ajudar o informante em questões mal compreendidas.
 - e. A dificuldade de compreensão, por parte dos informantes, leva a uma uniformidade aparente.
 - f. Na leitura de todas as perguntas, antes de respondê-las, pode uma questão influenciar a outra.
 - g. A devolução tardia prejudica o calendário ou sua utilização.
 - h. O desconhecimento das circunstâncias em que foram preenchidos torna difícil o controle e a verificação.
 - i. Nem sempre é o escolhido quem responde ao questionário, invalidando, portanto, as questões.
 - j. Exige um universo mais homogêneo.
- (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.99)

Ademais, a aplicação de um questionário caso seja “muito longo, causa fadiga e desinteresse; se curto demais, corre o risco de não oferecer suficientes informações. Deve

conter de 20 a 30 perguntas e demorar cerca de 30 minutos para ser respondido”. (MARCONI; LAKATOS, 2002, p.100).

Apesar das vantagens e das desvantagens acerca da aplicação de um questionário – no caso concreto da necessidade de realizar um exercício de sondagem da aprendizagem; como também de definição do perfil dos educandos envolvidos na atividade de ensino enfocada – as vantagens se sobrepõem em razão da praticidade, da objetividade, da sistematização e da mensuração dos dados.

Mediante essas orientações e levando em consideração o perfil do público envolvido na pesquisa, o quantitativo de perguntas limitou-se a nove questões. No dia da aplicação, estavam presentes 75 estudantes, desses, 74 responderam a todas às perguntas. Entretanto, um dos educandos respondeu apenas às questões objetivas.

A justificativa para esse aluno não responder às questões discursivas é porque ele tem o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nesse contexto, a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012 no Art. 1º, § 1º, incisos I ou II, considera uma pessoa com transtorno do espectro autista quando ele(a) apresenta:

- I - deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento.
- II - padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos (BRASIL, 2012).

Ainda que diante das dificuldades e limitações inerentes à pessoa portadora do TEA, somos orientados pela equipe psicopedagógica, do Colégio Amadeus, a inserir o aluno em toda ação desenvolvida no processo de ensino-aprendizagem. Dessa forma, cumprimos a função de socialização que compete à comunidade escolar. Diante disso, a participação do educando ocorreu de forma inclusiva, respeitando os limites dele e garantindo o direito de ser participante da aprendizagem.

Descrito esses esclarecimentos, a aplicação da coleta de dados aconteceu dia 06/09/2023, uma semana antes do início da aplicação da sequência didática – utilizando duas letras de músicas. A princípio, a aula foi planejada para ser executada no espaço denominado sala *Google*, ambiente do Colégio Amadeus reservado para a execução de atividades pedagógicas que necessitam de uso de computadores com acesso à internet.

Não obstante, como os educandos das turmas envolvidas possuem celular com acesso à internet – do total dos 75 alunos apenas 3 não estavam portando aparelho no dia da aula – optamos, então, por ficar em sala. Para sanar o problema daqueles que não dispunham do dispositivo, a solução encontrada foi quando os primeiros estudantes terminavam de responder ao questionário, facultativamente eram orientados a compartilhar o dispositivo móvel com o colega que naquele instante estava sem o acesso. Essa estratégia e cooperação contribuíram para racionalizar a atividade durante o tempo da aula.

Logo, ao evitar o deslocamento para a sala *Google*, a ação pedagógica possibilitou aproveitar os quinze minutos gastos com deslocamento, acomodação e organização das turmas para a referida sala. Além disso, a atividade foi realizada sem dispersão e com uma utilização integral do horário disponível.

Imagem 4 - Alunos de uma das turmas respondendo ao questionário



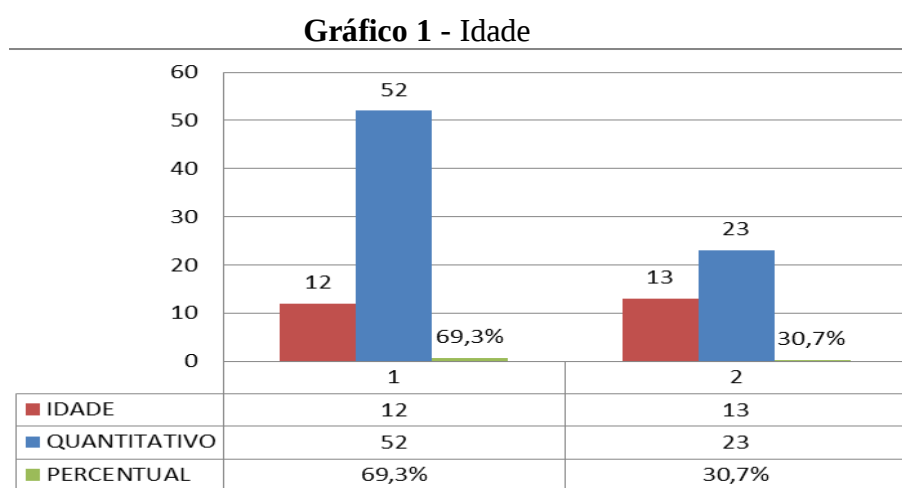
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023.

Primeiramente, a aplicação do questionário foi precedida por uma explicação quanto à relevância da atividade para a pesquisa que seria desenvolvida nas aulas subsequentes. Essa etapa de conscientização se fez necessária com o intuito de combater a cultura da nota. Infelizmente, para alguns alunos as tarefas só são válidas quando o assunto é cobrado na prova e/ou vale nota. Entretanto, como já discutido, a escola não deve focar somente em conteúdos, mas também, como um espaço de socialização, humanização e formação de indivíduos para o convívio em sociedade.

Outrossim, o tempo disponibilizado para responder ao questionário foram os 20 minutos iniciais da aula. Na sequência, o tempo restante foi utilizado para dar continuidade aos conteúdos da unidade para o cumprimento dos conteúdos previstos para os referidos 7º anos pela BNCC e pelo PPP do Colégio. A esse respeito, é necessário enfatizar que a quantidade de horas/aulas semanais é três hora/aulas e carga horária anual total para aulas, provas e outras atividades é de 120 hora/aulas de 50 minutos cada.

2.3. A mensuração dos dados do perfil e das respostas

A partir de agora, faremos a análise dos dados coletados. Primeiro, analisar-se-ão as perguntas objetivas para identificar a idade, o gênero e a identidade étnico-racial do público envolvido na amostra de pesquisa – no caso alunos das turmas do 7º A e do 7º B do Colégio Amadeus. Em seguida, foram analisadas as respostas subjetivas acerca do conhecimento prévio dos estudantes em relação ao preconceito étnico-racial. É importante ressaltar que os nomes dos participantes dessa atividade de ensino e de pesquisa serão preservados no anonimato em respeito à privacidade dos sujeitos envolvidos e à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), Lei de nº 13.709, de 2018.



Fonte: Dados coletados pela autora junto aos alunos do 7º ano A e B do Colégio Amadeus, 2023.

Após análise dos dados, constata-se que a faixa etária da maioria dos estudantes envolvidos no estudo corresponde a 12 anos, 69,3% ou 52% alunos afirmaram ter 12 anos. Enquanto, 30,7% ou 23% alunos declararam ter 13 anos. Assim, estamos diante de uma turma iniciando a fase da adolescência. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA),

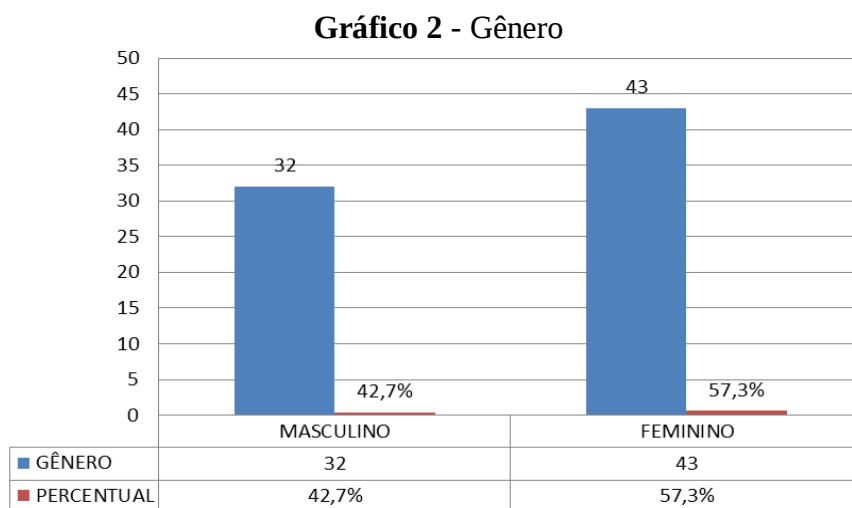
publicado em 2005, a fase da infância abrange crianças com idade de até 12 anos incompletos. Ou seja, a fase posterior, a da adolescência, tem início aos 12 anos completos até os 18 anos.

Observa-se, nesse quesito, uma turma com a idade/série que atende à idade recomendada para a série na qual estão cursando. Trata-se, portanto, de um público conhecido como membro da geração *Alpha*. Para explicar esse conceito, aproprio-me da ideia defendida pelos pesquisadores Santos e Engel (2017). Conforme os pesquisadores, o termo *Alpha* foi usado pela primeira vez por Mark McCrindle, em 2010. Tal nomenclatura tem origem na primeira letra do alfabeto grego, “ α ”, visto que após a geração Z, não havia mais letras do alfabeto, então, optou-se por iniciar um ciclo novo, já que as gerações estão sempre em constante mudança de perfil identitário.

Em relação à fase da adolescência, segundo Piaget (1976), o indivíduo se adequa ao interagir com o meio em que está em contato, ao mesmo tempo em que transforma e é transformado com as novidades. Piaget mostra que as operações mentais cada vez mais abstratas do indivíduo permitem uma evolução na capacidade de representar e prepará-los para o desenvolvimento social.

Nesse âmbito, a influência da família, da igreja, das escolas, dos esportes, dos meios de comunicação, das artes e de outras formas de interação e de socialização são essenciais na construção dos valores, das identidades e das atitudes dos indivíduos que convivem em sociedade. Dessa forma, as letras de músicas, assim como seus arranjos e melodias, inserem-se nessa discussão como atividades/suportes formativos – assentados em experiências de interação corpóreo-sensoriais culturais e de socialização.

Ademais, no contexto dessa proposta de sequência didática, o uso da música possibilita discutir de modo crítico. Por um lado, o combate ao preconceito étnico-racial. Por outro, a valorização da diversidade étnico-racial e cultural dos povos de origem afrodescendentes ou povos negros - aqui compreendidos como pretos e pardos, conforme Estatuto da Igualdade Racial.



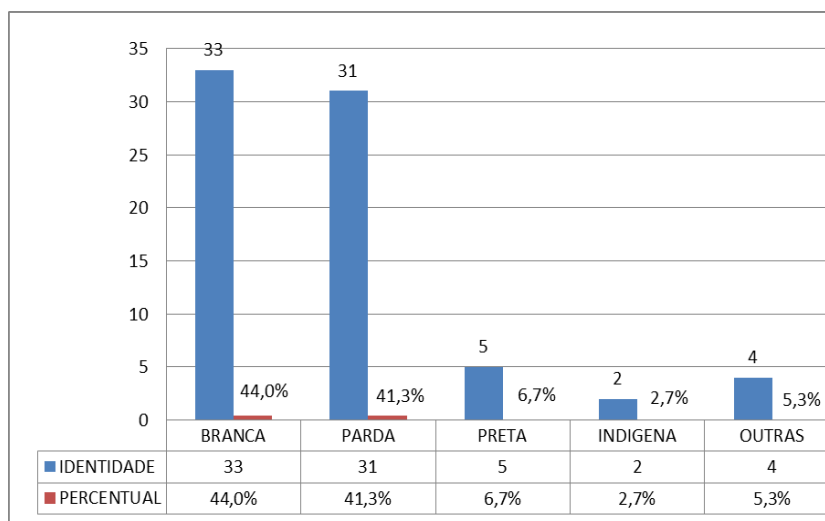
Fonte: Dados coletados pela autora junto aos alunos do 7º ano A e B do Colégio Amadeus, 2023.

Em relação ao gênero, 43 estudantes (57,3%) assinalaram pertencer ao gênero feminino, enquanto 32 deles (42,7%) pertencerem ao gênero masculino. Esses dados, portanto, revelam uma prevalência do gênero feminino como o maior índice. Apesar da ligeira prevalência, as turmas pesquisadas apresentam uma homogenia que vai de encontro com os índices da escola pública. De acordo com o Censo Demográfico 2022 do IBGE, o número de matrículas, a partir do 5º ano em escolas públicas em todo o Brasil, prevalece o gênero masculino com um percentual de 52% (Brasil, 2022). Inferimos, nos dados do gráfico 2, um maior número de mulheres matriculadas superior ao dos homens.

Todavia, sabe-se que nem sempre foi assim, já que, por vários séculos, o direito de estudar era negado às mulheres. Somente a partir do século XX, a diferença de gênero na educação se inverteu. Beltrão e Alves (2007) percebem essa mudança como uma grande conquista das mulheres, nomeando essa transformação como o hiato sobre o gênero.

Nesse ínterim, os pesquisadores ressaltam que o mais importante não é as mulheres conseguirem reverter o hiato de gênero na educação, mas, que os homens também avancem, juntamente com elas, em todos os níveis educacionais. Eles pontuam que, além dessa superação na educação, é preciso, também, que as questões das desigualdades de gênero, no mercado de trabalho, sejam igualmente superadas.

Gráfico 3 - Identidade étnico-racial



Fonte: Dados coletados pela autora junto aos alunos do 7º ano A e B do Colégio Amadeus, 2023.

De acordo com os dados do gráfico 3, no que diz respeito à identidade étnico-racial, foram utilizadas as opções que historicamente compõem a formação do povo brasileiro. Seguimos como referência os dados de identificação étnico-racial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desse modo, foram disponibilizadas as seguintes opções de origens (cor/raça): preto, pardo, indígena, branco e outros. Optamos por substituir a cor/raça amarela pelo quesito outros a fim de facilitar a compreensão do público envolvido. Logo, cada aluno teve a liberdade de escolher a opção de identidade em conformidade com as experiências de socialização e de aprendizagem adquiridas em seus respectivos processos formativos.

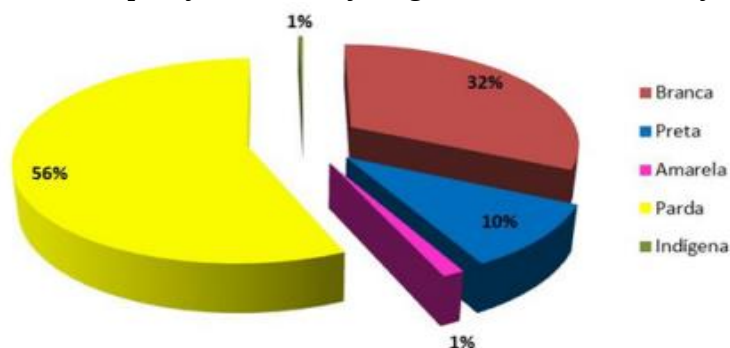
Com base no exposto, a autodeclaração ficou distribuída por uma maioria de brancos, 44% ou 33 alunos. Seguido, por 41,3% de pardos ou 31 alunos, 6,7% de pretos ou 5 alunos. Na sequência 2,7% de indígenas, ou 2 alunos, e por 5,3% ou 4 alunos declararam não ter uma definição em relação à identidade étnico-racial.

Nota-se que ao somarmos o percentual de 41,3% de pardos aos 6,7% de pretos, o número de alunos negros, isto é, a soma de pardos e de pretos declarados, alcança o índice de 48% dos alunos da amostra pesquisada. Número superior aos 44% dos estudantes que se declaram brancos. Evidentemente, essa observação não se resume ao resultado quantitativo, mas sim para apreciação qualitativa. Essa realidade sugere no contexto de formação pedagógica, social e cultural do atual presente histórico de combate ao preconceito em relação às populações de ascendência negra.

Sobre isso, é interessante analisar o estudo realizado pela Prefeitura Municipal de Aracaju, baseada nos dados do IBGE de 2010, intitulado “Mapografia Social do Município de Aracaju – 2019”. Ele aponta, dentre várias questões, características demográficas étnicas da

população aracajuana. A análise dos dados desse estudo, apresentado no gráfico 4, a população de Aracaju estava assim distribuída: 56% de pardos, 32% de brancos, 10% de pretos, 1% de indígenas e 1% de amarelos.

Gráfico 4 - População de Aracaju segundo o critério cor/raça, 2010



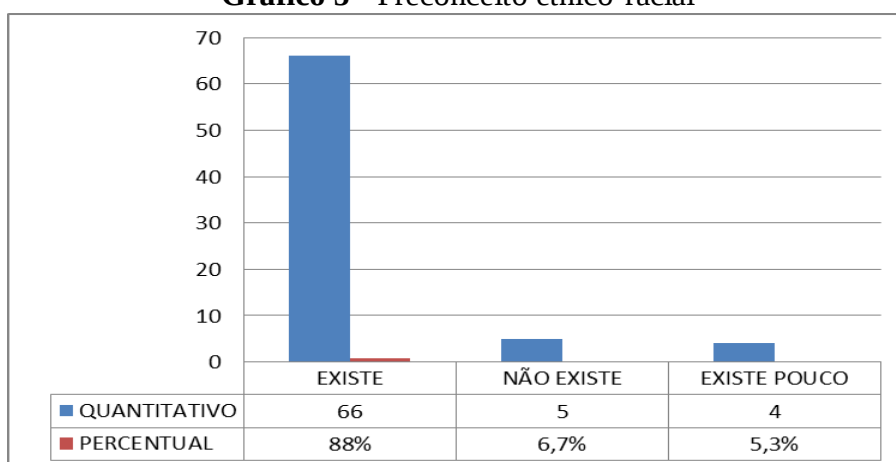
FONTE: IBGE, Censo Demográfico - 2010

Fonte: IBGE: Censo Demográfico, 2010. In: (ARACAJU, 2019, p. 14).

A mensuração dos demais dados desse estudo permite compreender que mesmo sendo a maioria, grande parte da população parda e preta reside nos bairros periféricos. Enquanto grande parte da população branca se concentra, na região central da cidade, e possui o maior índice de renda. (ARACAJU, 2019, p. 14). No entanto, os dados do gráfico 3 vieram contrapor esse estudo, visto que os alunos participantes da pesquisa não fazem parte do espaço demográfico periférico, possuem maior renda e, consequentemente, podem pagar por uma educação particular.

Já nos dados divulgados pelo IBGE em relação ao Censo Demográfico de 2022, a identificação étnico-racial da população do Brasil aponta que 55,5% dos brasileiros se declararam negros, isto é, pardos ou pretos. Esse resultado apresenta um dado relevante: o reconhecimento racial da população afrodescendente.

A pergunta, a seguir, pretende avaliar os conhecimentos prévios dos alunos e identificar como eles compreendem o preconceito étnico-racial na sociedade brasileira, sendo obtidos os seguintes resultados:

Gráfico 5 - Preconceito étnico-racial

Fonte: Dados coletados pela autora junto aos alunos do 7º ano A e B do Colégio Amadeus, 2023.

A análise dos dados das respostas subjetivas referente à compreensão – por parte dos alunos – acerca da definição de preconceito étnico-racial, apresentado, no gráfico 5, revela que a maioria dos envolvidos nessa amostra, 88%, sessenta e seis alunos, reconhecem/identificam a presença desse tema/assunto no cotidiano da sociedade. Uma parcela menor de 5,3%, ou quatro, estudantes concordam que ele existe, no entanto, consideram pouco significativo. E, em uma proporção de 6,7%, cinco alunos consideram que esse tema/assunto não existe.

Analisando esses dados, lembrei-me da passagem de um texto de Fanon (2008, p. 85): “defendemos, de uma vez por todas, o seguinte princípio: uma sociedade é racista ou não o é. Enquanto não compreendermos essa evidência, deixaremos de lado muitos problemas”. A respeito disso, percebe-se que o racismo constituído com base na raça, nesse caso, a negra (pretos + pardos), vem se perpetuando na sociedade através dos padrões de normas e condutas.

Nesse contexto, trazer para a sala de aula o estudo de grupos, que no passado foram excluídos, invisibilizados ou negados pela historiografia, enriquece o processo de ensino e de aprendizagem tanto de história quanto da formação social e humanística. Este tipo de posicionamento pode contribuir para superar estereótipos e conferir visibilidade a diversos sujeitos do processo histórico (JALES, 2021).

De acordo com Almeida (2019, p. 25), o “racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios”. O problema do

racismo no Brasil não é uma ilusão, ele existe em vários espaços e suas consequências de desigualdade se refletem de forma veemente no âmbito social.

Perante essa realidade, posturas pedagógicas e de ensino de história que visem desenvolver ações educativas para combater práticas preconceituosas em relação aos negros e/ou quaisquer outras formas de ódio e de intolerância precisam existir, serem incentivadas. Paralelamente a isso, como bem refletiu o pensador iluminista Voltaire, na obra “Tratado sobre a Tolerância”, pode haver uma colaboração no que tange à construção de um processo formativo, educativo e civilizacional mais crítico, humanístico e de inclusão.

Em relação ao referido pensador iluminista francês e a obra mencionada, ele analisa o assassinato de Marc Antoine Calas de 28 anos, em Toulouse, França, no século XVIII, como questão para criticar a intolerância religiosa entre católicos e protestantes. O pai da vítima, Jean Calas, comerciante protestante, foi acusado e condenado à morte por ter assassinado o próprio filho, no entanto ele era inocente. O caso, na realidade, tratava-se de uma questão religiosa – que terminou em uma sentença injusta e um exemplo de intolerância dos “tempos modernos”.

Esse pensador europeu da modernidade cristã ocidental preocupou-se com uma problemática humana universal que, em nossos dias, também é transpassada pela necessidade de combater a intolerância no campo religioso, étnico, racial, gênero, classe, nacionalidade, entre outras mediações e clivagens sociais.

Portanto, o pensador iluminista na linguagem de seu tempo, alerta as autoridades francesas a perceberem as mudanças que vinham acontecendo na Europa. Ele destaca que a intolerância religiosa não podia continuar. Era preciso, segundo a filosofia da história desse autor, seguir o exemplo de países onde os seguidores de religiões não católicas não eram vistos como problema, mas aceitos. Dessa forma, enfatiza que as novas gerações sejam formadas, cultivando a tolerância entre os povos, independentes de suas ações religiosas, nacionalidades e opções políticas (VOLTAIRE, 2020).

Por fim, concluímos essa parte da análise das questões objetivas, utilizando a argumentação: “uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade”. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Nos parágrafos a seguir, mensurar-se-ão os significados das respostas, das demais questões discursivas apresentadas pelos estudantes envolvidos na pesquisa. Para analisar esses relatos, utilizamos como referência o método adotado pela pesquisadora Elaine Santos Andrade. Na dissertação intitulada “Aprendizagem de conceitos históricos por meio de aulas-oficinas e produção de fanzines na Escola Estadual governador Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro – SE”.

No referido estudo, a autora desenvolveu uma pesquisa com alunos da 2ª série do Ensino Médio em Tempo Integral. A pesquisadora utilizou como metodologia um questionário de caráter qualitativo para conhecer a situação socioeconômica dos sujeitos e de suas famílias. Além disso, as opiniões dos envolvidos na pesquisa em relação a visões acerca do colégio e o contato com os *fanzines*. Nesse sentido, a exemplo do mencionado trabalho, utilizaremos um quadro informativo para sistematizar os resultados das questões discursivas:

Quadro 1 - Explique o que é preconceito racial.

Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
É uma perseguição ou uma exclusão de uma raça.	10
É quando há uma diferença de tratamento por causa da cor de pele, onde geralmente pessoas negras são tratadas de forma pior.	7
É o racismo, desrespeito com os negros	12
Uma não aceitação ou desprezo decorrente de sua raça ou origem.	8
É o discurso de ódio verbal e físico contra o povo que possui uma cor de pele diferente (maioria das vezes o alvo é o negro).	4
Ofender pessoas negras	8
Pensamentos negativos sobre pessoa negra	4
Menosprezar os negros e afrodescendentes, limitando seus direitos e deveres.	5
Desrespeito a raças e etnias.	6
É quando alguém tem preconceito com alguma cor racial	7
Julgar uma pessoa pela etnia racial	3

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

As informações expostas, no Quadro 1, destacam que 59,5%, ou quarenta e quatro, dos alunos entendem o preconceito racial como algo relacionado à exclusão, à perseguição, ao desprezo e ao julgamento injustos contra os negros. Houve a constatação de que 33,8%, ou vinte e cinco, das respostas relacionam o preconceito ao racismo e ao desrespeito contra o negro. E ainda, há 6,8%, ou cinco, estudantes que compreendem o preconceito racial como algo relacionado ao menosprezo e limites de direitos dos negros.

O pesquisador Almeida (2019) classifica o racismo a partir de três concepções: individualista, institucional e estrutural. Na visão individualista, o racismo é entendido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade, ou seja, está relacionado ao comportamento individual ou coletivo. Quando enxergamos o racismo por esse viés não temos uma sociedade racista, mas indivíduos praticantes de atos racistas. No entanto, quando nos limitamos a analisar o racismo somente a partir dos aspectos comportamentais, deixamos de enxergar os males que ele causa.

Já o racismo, na concepção institucional, é estabelecido na sociedade através dos padrões de normas e condutas, de modo que se manifesta através do poder de um determinado grupo. Assim, no “racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder” (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Seguindo com o raciocínio de Almeida, o racismo estrutural faz parte da estrutura social, já que para ele esse mal não se restringe a um ato praticado por um indivíduo ou grupo, é algo, além disso. Nesse sentido, para compreendê-lo é preciso avaliar a complexidade estrutural. Dessa forma, o propósito desse olhar mais complexo é “afastar análises superficiais ou reducionistas sobre a questão racial que, além de não contribuírem para o entendimento do problema, dificultam em muito o combate ao racismo” (ALMEIDA, 2019, p. 34).

É importante salientar que mesmo diante de alguns alunos visualizarem o preconceito como algo inexistente, esses compreendem os riscos dos usos do passado para reforçar preconceitos. Sobre essa discussão, aproveito para recuperar uma citação de Laraia (2001, p. 24), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiências adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Retomando os resultados das respostas dos alunos, vejamos o que eles relataram em relação à tolerância racial.

Quadro 2 - A partir do seu conhecimento de vida explique o que é tolerância racial.

Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
Você respeitar a cor do outro	12
Quando uma pessoa não tem preconceito com as outras por causa de sua raça étnica	18
Quando pessoas de diferentes raças convivem harmonicamente entre si.	10
Tolerância por si mesmo é quando você tolera algo, ou seja, aceita. Então, "tolerância racial" seria quando uma pessoa tolera/aceita todas as raças/cor de pele.	11
Não sei explicar	4
Um acabamento do racismo	8
É ter o mínimo de senso de que uma raça não é superior que outra	6
Respeitar etnias, culturas, escolhas e crenças de cada um. Eu acho isso fundamental para uma sociedade melhor.	5

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

Diante das informações expostas no quadro 2, é possível perceber que 32,9% ou vinte e três alunos entendem a tolerância racial como o respeito à cor do outro. Outros 41,4%, ou vinte e nove estudantes, compreendem a tolerância como: “a ausência de preconceito, a boa convivência, a aceitação do outro independentemente da sua cultura, origem étnica para a manutenção de uma sociedade melhor”.

No entanto, 10,8% ou oito alunos, declaram que a tolerância racial é o fim do racismo em relação aos negros. Observam-se, ainda, 5,4%, ou quatro alunos, dizerem não saber explicar o que é tolerância racial. Outros 6,1%, ou seis alunos, entendem tolerância racial como a capacidade humana de entender que nenhuma raça é superior a outra. Ou seja, esse percentual de estudantes tem consciência de que não existe superioridade entre os povos.

Essa pergunta serviu para traçar um diagnóstico sobre o pensamento dos estudantes em relação à tolerância racial. Posto isso, é “essencial ao professor, quando for introduzir um

assunto, considerar tudo o que o aluno conhece, nada do que ele sabe pode ser desprezado” (ANTUNES, 2002, p. 40). Desse modo, os relatos dos estudantes sobre o que eles entendem por preconceito e tolerância racial foi de suma importância para orientar o planejamento e a tomada de decisões da sequência didática aqui defendida.

Quadro 3 - Explique o que é diversidade étnico-racial.

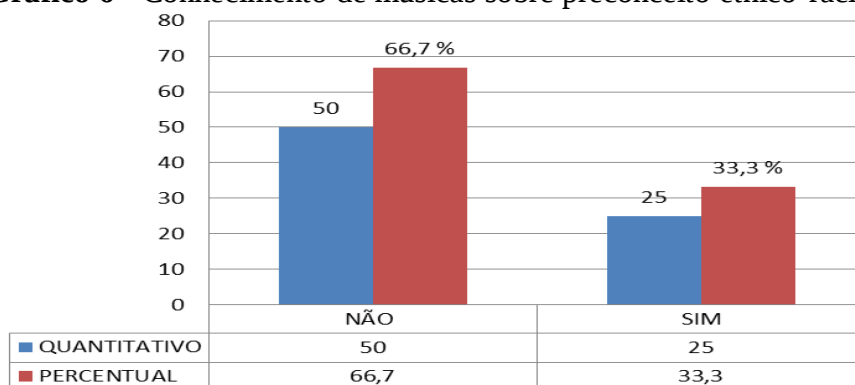
Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
Várias cores, tons de pele e culturas.	14
Diferentes cores de pele	13
Mistura de várias raças.	19
Diversidade cultural, étnica racial, raças diferentes tons de pele	14
É quando em um lugar existem pessoas com etnias diferentes	14

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

A partir dos relatos do quadro acima, constatamos que quarenta e um, ou 55,4% dos alunos, entendem a diversidade étnico-racial como algo relacionado à cor de pele. Enquanto trinta e três, ou 44,6%, dos estudantes demonstraram em suas respostas que o seu entendimento sobre diversidade étnico-racial tem a ver com a mistura de vários povos ou etnias.

É válido chamar atenção para quatorze alunos, ou 18,9%, da amostra pesquisada, que, além de relacionarem a diversidade étnico-racial ao tom de pele, também fazem relação à diversidade cultural. Este percentual compreende a questão racial não somente associada à cor de pele, mas sim a partir de um conjunto de comportamentos, de crenças, de hábitos, de costumes e de identidade que formam um povo.

Gráfico 6 - Conhecimento de músicas sobre preconceito étnico-racial



Fonte: Dados coletados pela autora junto aos alunos do 7º ano A e B do Colégio Amadeus, 2023.

Em relação à pergunta: “Você ouve ou conhece músicas que falam de preconceito em relação aos negros?”. A maioria dos estudantes, 66,7%, ou cinquenta deles, declararam não conhecer nenhuma canção sobre esse assunto. Entretanto, um grupo de 33,3%, ou vinte e cinco, informou conhecer músicas sobre esse assunto. Esse dado aponta para uma possível falta de divulgação da música negra, da pouca visibilidade dessa cultura, em especial, a música, e da ausência de trabalho envolvendo essa produção musical na prática do ensino e aprendizagem.

De acordo com censo do IBGE (2022), a população brasileira é formada por uma maioria de pessoas que se declaram pretas ou pardas. Diante desse cenário, a inserção dessa cultura musical no ensino contribui para enaltecer e fortalecer a identidade sociocultural dessa população.

Outra questão abordada nesta pergunta foi: “Caso sua resposta em relação à pergunta anterior seja sim, informe o título da música e aponte quem é o cantor”. Aqueles que declaram conhecer músicas abordando esse tema, citaram os cantores: Gal Costa, “Lágrimas negras”; Os Racionais, “Racistas otários”; Michael Jackson, “*Black or White*” e Seu Jorge, “Pode Acreditar (Meu Laiá Laiá)”.

Em linhas gerais, percebem-se, nas respostas desses estudantes a respeito de preconceito racial, tolerância e diversidade étnico-racial cujo conhecimento que eles possuem, está relacionado à ideia de raça e cor de pele. Diante disso, os pesquisadores Beruti e Marques (2009, 29-30) pontuam que os conhecimentos dos alunos são construídos a partir de “representações do mundo social, e essas representações decorrem do conhecimento prático, das vivências compartilhadas com seu grupo e daquilo que circula na sociedade”. Portanto, o professor apropria-se dessas representações para desenvolver suas práticas de ensino e de aprendizagem.

CAPÍTULO 3

MÚSICA, SEQUÊNCIA DIDÁTICA E ENSINO DE HISTÓRIA

3.1. A primeira semana da sequência didática

Essa parte do texto está reservada para relatar como ocorreu a experiência, no decorrer da sequência didática, com uso de músicas para o combate ao preconceito étnico-racial nas aulas de história. A execução da atividade proposta exigiu uma articulação com o currículo escolar adotado pelo Colégio Amadeus. Em torno dessa realidade e atividade, busquei formas de unificar os objetivos da minha condição de professora de História das turmas de 7º ano do Ensino Fundamental II.

A princípio, as ações foram planejadas para serem executadas em três aulas, mas na prática docente nem sempre o planejamento acontece da forma idealizada, pensada e prevista. Na prática, o desenvolvimento e a conclusão ocorreram após quatro aulas, sendo que uma dessas foi cedida por outra disciplina. Os parágrafos a seguir relatam como isso aconteceu.

Na primeira semana/aula, a proposta da sequência foi desenvolvida através de uma aula expositiva sobre o conteúdo proposto no livro didático “Da história e cultura dos povos africanos”, ministrada no dia 14/09/23. Iniciamos a aula com uma discussão referente aos conhecimentos dos estudantes em relação ao continente e aos povos africanos. À medida que os estudantes descreviam o conhecimento, os pontos por eles relatados eram anotados no quadro. Dessa forma, foi possível sistematizar um painel das impressões dos alunos a respeito da África, dos africanos e dos seus descendentes no Brasil.

Segundo Beruti e Marques (2009), é importante o professor ouvir os conhecimentos prévios dos alunos sobre o conteúdo, pois permite vê-los como sujeitos ativos no processo de aprendizagem e seres capazes de construir, reconstruir e apropriar-se criticamente dos conhecimentos.

Quando perguntei aos estudantes “O que é a África?”, alguns disseram que é um país. No entanto, a maioria demonstrou já conhecê-lo como um continente. Aqueles que entendiam como um país, apontavam a África do Sul como referência. Em outra pergunta: “O que você conhece sobre a África?”, as respostas foram: guerras, pobreza, doença, fome, deserto.

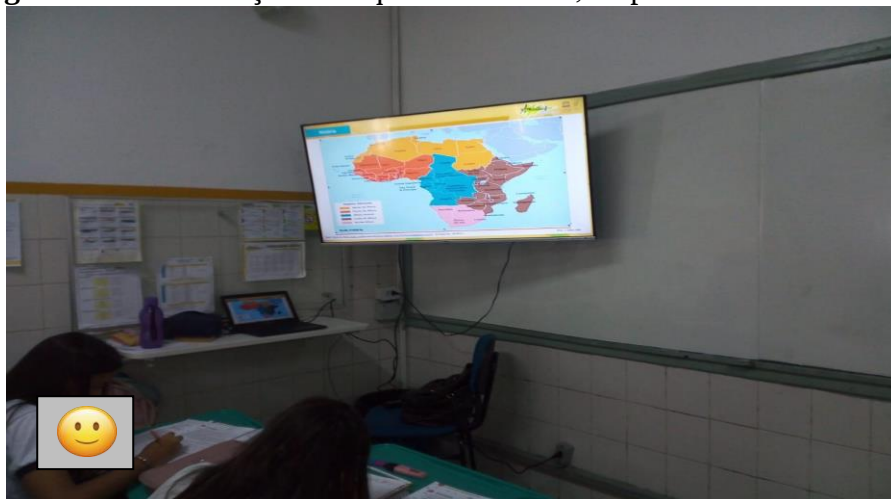
As devolutivas à segunda pergunta coincidem, em grande parte, com as informações que chegam até os estudantes pelos meios de comunicação e pelas redes sociais - essa visão precisa ser desconstruída. Um dos caminhos para reverter essa situação é por meio do ensino escolar, conseqüentemente, a História, enquanto disciplina, pode contribuir para isso. “Pois, não havendo investimento nessa direção, é muito provável que o imaginário de nossas futuras gerações sobre a África não sofra modificações significativas” (OLIVA, 2003, p. 431).

A pesquisadora Souza (2013) considera importante estudar a história dos africanos, apresentando não apenas os aspectos negativos, divulgados por diferentes mídias, mas principalmente dar ênfase aos aspectos positivos: características culturais, formas de organização social, processos históricos internos e suas relações com outros continentes. Nessa perspectiva, após ouvir os estudantes, foram distribuídas folhas de ofício para alguns realizar a leitura com informações referentes à África. Os dados apresentados teceram a seguinte reflexão/mensagem:

Você sabia que a África é o segundo continente mais populoso do mundo? Você sabia que a região apresenta condições favoráveis para a formação de minérios? Na África está 8% da reserva de petróleo e gás natural do mundo, 25% do urânio, 2 terços dos diamantes extraídos e metade do ouro também provém do continente Africano? (MOTA, 2020, p. 44).

Apresentar essas informações foi relevante, porque permitiu levar os alunos a refletirem sobre a real situação do continente africano, além de desconstruírem a ideia de pobreza e miséria que vigora no imaginário apresentado pelas mídias oficiais. À medida que iam ouvindo as informações, alguns demonstravam surpresa. Eles não imaginavam que o continente possuía riquezas minerais, como ouro e diamantes. A visão deles era de um lugar deserto e seco com uma grande floresta. Dando prosseguimento à aula, foi apresentado mapa do continente através do computador e da TV, já que a escola substituiu o projetor por aparelhos de 42 polegadas.

Imagem 5 – Primeira ação da sequência didática, mapa do continente africano



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023.

A partir do mapa, foram apresentados dados geográficos do continente, informando que esse é formado por 54 países, sendo o segundo maior do mundo em extensão. Em seguida, foi questionado o entendimento que eles possuem sobre a história africana. Apontando como, durante muitos séculos, o conhecimento histórico foi construído por uma perspectiva eurocêntrica que não valoriza os diferentes acontecimentos e culturas do continente, consequentemente:

[...] somente conhecendo bem as sociedades africanas, suas histórias e os processos que nos ligam a elas, assim como desvendando as noções por trás da construção histórica e ideológica dos preconceitos contra o africano e o negro, teremos condições de analisar com consistência as manifestações afro-brasileiras e o lugar que os africanos e seus descendentes ocuparam no passado e ocupam no presente, no contexto da sociedade brasileira como um todo. (SOUZA, 2017, p. 22)

Dessa forma, foi evidenciado que é importante estudar a realidade desses povos e de suas diferentes culturas. Essa atitude de ensino e de aprendizagem ajuda a desconstruir estereótipos, preencher lacunas e abordar com maior riqueza de significados à leitura imperialista e colonial dos povos que exploraram os africanos dentro e fora do referido continente. Assim, é possível compreender a importância da África, dos africanos e dos afrodescendentes.

Sendo assim, é fundamental promover o ensino da temática de história e cultura africana e dos afrodescendentes apresentando seus significados religiosos e culturais. As formas de organização social e política, bem como, a dinâmica econômica e histórica das diferentes sociedades da qual são fruto e parte constitutivas.

Dentro dessa proposta, os alunos fizeram falas pertinentes. Começaram a questionar aquilo que é divulgado em relação à África pela mídia. Outros alunos me questionaram se, na minha época de estudante do ensino fundamental, o ensino de História e cultura africana fazia parte dos conteúdos. Expliquei para eles que não, só tive a oportunidade de estudar esse tema na graduação. Ressaltei novamente que a inserção desse conteúdo, no currículo das escolas públicas e particulares, ocorreu a partir da Lei nº 10.639/2003.

A partir dessa aula, os alunos tiveram a oportunidade de reformular a visão sobre o continente africano e dos povos de origem afrodescendente. Eles também aprofundaram a reflexão sobre a origem histórica do preconceito étnico-racial em relação ao negro e compreenderam que o “continente africano que deu vida ao próprio homem foi condenado por muitos deles ao esquecimento ou à inferioridade” (OLIVA, 2003, p. 439).

Por fim, acreditamos que, por meio dessa aula, foi possível descortinar como a discriminação em relação aos povos africanos e aos afrodescendentes foi construída. Dessa forma, a proposta de estimular, através de sequências didáticas, a desconstrução de análises de atitudes depreciativas em relação ao negro é um papel importante a ser exercido pela escola, pelos educadores e pelos educandos.

Mediante tal discurso, esperamos ter contribuído para estimular os alunos a se posicionarem contra a naturalização dessa e de outras formas de preconceito. Assim como, ter colaborado para potencializar a luta pelo combate ao preconceito e a valorização da diversidade étnico-racial.

3.2. A segunda semana da sequência didática

Este segundo momento da sequência didática foi ministrado no dia 21/09/23. Comecei explicando para os alunos qual era a proposta da aula e por que naquele momento estava utilizando a música como recurso pedagógico. Deixei claro para eles que aquela ação fazia parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino Profissional de História (PROFHISTÓRIA), da Universidade Federal de Sergipe.

Posto isso, essa segunda parte da sequência didática teve como objetivo trabalhar os significados de atitudes de preconceito ou intolerância étnico-racial através da análise das músicas (letra e áudio): “Olhos coloridos”, de Sandra de Sá, e “Alma Negra,” de Yzalú. No primeiro momento, pensei em listar outras canções que também denunciam o preconceito.

Todavia, em razão do tempo disponível para o desenvolvimento da atividade, optei por aprofundar somente as duas músicas mencionadas.

A articulação da música em ações pedagógicas no ensino de História pode transformá-la em documento histórico, pois possibilita estudar o contexto de produção, entretanto:

Para que a música assuma caráter de documento histórico, mais do que apresentá-la à turma, é necessário buscar informações e compreender o circuito de comunicações que envolve o processo no qual se desencadeia a produção e o consumo da música no que se refere: ao cancionista, performes, indústria fonográfica, as capas de álbuns, os mediadores culturais e os meios de comunicação. (NIERO; TUMA, 2021, p. 26).

Usar a música na prática pedagógica serve para levar em consideração outros momentos históricos. Assim, analisar o contexto social em que ela foi produzida fornece subsídios que possibilitam o aluno estabelecer relações entre passado e presente (BITENCOURT, 2008, p. 24). Além disso, as letras permitem exercitar a interpretação quanto à existência ou não de (pré)conceitos, metáforas, estereótipos, valores e posicionamentos presentes na canção.

A música é uma interação social que invade os ouvidos, a mente, o coração e a alma, permeando o nosso cotidiano. Dessa maneira, usá-la como metodologia interativa torna-se relevante porque o ritmo, a melodia e sua composição nos envolvem. A memória musical provoca diferentes sensações, o que contribui para a aprendizagem do aluno.

À luz dessas considerações, a letra da música “Olhos coloridos”, interpretada por Sandra Sá, apresentada abaixo, traz informações pertinentes, uma vez que discute questões em que abordam-se o preconceito racial contra o negros e a luta para serem reconhecidos. Observemos o que diz a letra dessa canção:

Os meus olhos coloridos
Eu estou sempre na minha
E não posso mais fugir
Meu cabelo enrolado
Todos querem imitar
Eles estão baratinados
Também querem enrolar
Você ri da minha roupa
Você ri do meu cabelo
Você ri da minha pele
Você ri do meu sorriso
A verdade é que você
Tem sangue crioulo
Tem cabelo duro

Sarará crioulo (5x)
(SÁ, 1982).

Trazer essa canção para a sala de aula é uma tentativa de refletir acerca do que era ser negro na sociedade brasileira, nos anos 1980, e perceber as denúncias de preconceito que circulavam no cenário musical daquela época. O uso da música, enquanto documento histórico, também contribuiu para tornar a aula mais dinâmica e atrair a atenção dos alunos.

À medida em que a música supracitada denuncia a forma como a sociedade enxerga o negro, a canção “Alma Negra”, de Yzalú, apresentada abaixo, traz um discurso diferente. Essa composição, lançada na segunda década do século XXI, destaca a luta contra a discriminação enfrentada pelos negros. Analisemos a letra da canção:

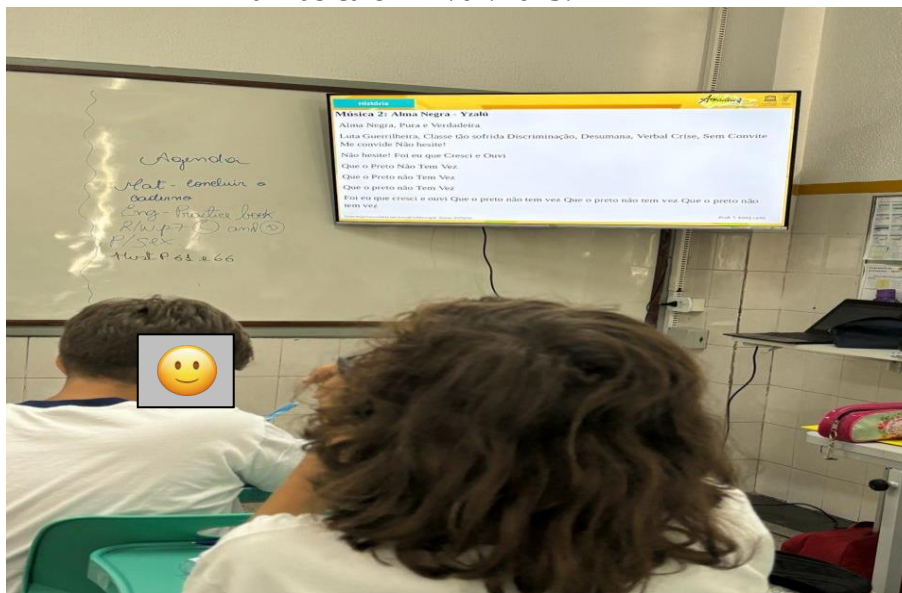
Alma Negra, Pura e Verdadeira
Luta Guerrilheira, Classe tão sofrida Discriminação,
Desumana, Verbal Crise, Sem Convite Me convide Não hesite!
Não hesite! Foi eu que Cresci e Ouvi
Que o Preto Não Tem Vez
Que o Preto não Tem Vez
Que o preto não Tem Vez
Foi eu que cresci e ouvi Que o preto não tem vez
Que o preto não tem vez Que o preto não tem vez
(YZALÚ, 2016).

A ideia de investigar duas canções de décadas distintas é, justamente, para levar os alunos a perceberem como o preconceito racial contra o negro persiste enraizado na nossa sociedade. Além de estimular leituras e posicionamentos críticos em relação às atitudes preconcebidas quanto à raça e etnia, em contraposição, valorizar a diversidade étnico-racial.

De tal modo, por meio desse recurso didático, propomos conduzir os alunos a identificar o preconceito e os estereótipos construídos. Perceber que eles são reconstruídos e reproduzidos constantemente, nos espaços sociais, faz com que reflitam sobre suas marcas na trajetória de vida dos indivíduos negros.

Dando prosseguimento com a aula, utilizamos *Chromebooks*, através do uso de aparelho de TV, para que, então, os alunos ouvissem as canções na plataforma *Youtube*. O tempo reservado para tal ação não ultrapassou os cinco minutos.

Imagem 6 - Segunda ação da sequência didática, momento dos alunos do 7B ouvirem a música em 21/07/2023.

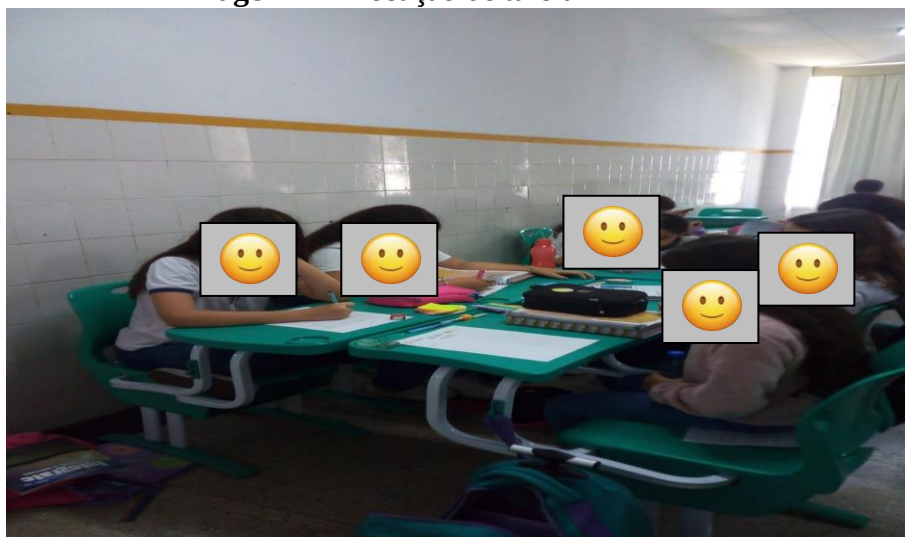


Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023.

Transcorrido esse momento, os alunos foram divididos em dois lados: “A” e “B”. Ambos os lados foram compostos, inicialmente, por três grupos, contudo alguns deles foram constituídos por 6 membros ou até mesmo com 7 membros. Em seguida, foram distribuídas cópias com a letra da música, juntamente, com as questões norteadoras.

Quem é o/a autor/a da música?
 Quem interpreta a música?
 Em que ano ela foi gravada?
 A partir dessa música explique o contexto brasileiro histórico e a questão racial?
 Como o preconceito aparece na música?

Para organizar essa divisão foram disponibilizados cinco minutos de aula. Os grupos do lado A receberam cópia da música “Olhos coloridos”, já os do lado B, “Alma Negra”. Em seguida, fora solicitado que eles fizessem a leitura atentamente e, depois, analisassem a letra. Para a execução dessa tarefa, foram disponibilizados 15 minutos.

Imagem 7 -Execução de tarefa – 7A

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023

Imagem 8 – Execução de tarefa – 7B

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023

O tempo restante da aula, vinte minutos, foi utilizado para o debate, estimulando os alunos a se posicionarem diante da situação. Primeiro, ouvimos os relatos do lado A, incumbidos de analisar a música “Olhos coloridos”. Apesar de ser uma produção da década de oitenta do século XX, dois alunos informaram conhecer a música. Esse conhecimento foi adquirido através dos pais, porque gostam dessa cantora, e outro disse que já ouviu na casa da avó.

Em relação à pergunta “sobre o contexto histórico brasileiro e a questão racial”, eles identificaram que a música foi lançada em um momento no qual não havia lei para proibir ou punir atitudes preconceituosas em relação aos negros. De modo explícito, somente após a

Constituição Federal de 1988, no Art. 5º, inciso XLII, prevê que a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível.

Ao interpretarem a letra dessa composição, os alunos identificaram, no trecho da canção de Sandra de Sá: “Você ri da minha roupa; Você ri do meu cabelo; Você ri da minha pele; Você ri do meu sorriso”, que há uma denúncia explícita ao preconceito étnico-racial contra os negros. A partir dessa leitura crítica, os estudantes perceberam que esse preconceito, na época era mais forte do que atualmente – em razão da inexistência de leis para criminalizar o racismo, o preconceito e a discriminação étnico-racial.

Observando outro trecho da música: “Eu sou negro e você também é, você é sarará crioulo, o sangue que corre nas minhas veias é o mesmo que o seu, então somos da mesma origem e você é sarará...”. Os estudantes compreenderam que o negro não está aceitando ser discriminado quando esse se declara semelhante às pessoas que estão rindo dele no trecho: “você também é negro, pois o sangue que corre nas minhas veias é o mesmo que o seu”. Assim, no decorrer dos relatos desse grupo, uma aluna mencionou:

Professora eu tenho uma tia que possui cabelo crespo, mas ela sempre alisou porque tinha vergonha de deixá-lo natural, porque as pessoas na rua sempre ficavam desfazendo, dizendo que o cabelo dela era duro, feio e armado. Mas, atualmente ela aboliu o alisamento e não tem acanhamento de assumir o cabelo natural (depoimento da aluna, 7A, 2003).

O comentário feito por essa estudante evoca uma reflexão tecida por Frantz Fanon (2008). Esse autor ao analisar o contexto da colonização na sociedade antilhana, percebeu que o europeu criou um modelo de civilização cujo objetivo levava o negro a negar sua identidade, e tornar-se refém dos padrões de beleza do homem branco.

Aproveitei o depoimento da aluna, para falar sobre a campanha criada por um grupo de profissionais de cabelos do Piauí, intitulada “Identidade Crespa”. O intuito das idealizadoras era contestar as críticas, os olhares e o preconceito aos cabelos crespos. Bem como, valorizar a beleza da mulher negra com cabelos crespos (RODRIGUES, G1, 2021c). Além disso, ressaltou a importância desse movimento para combater o preconceito, enaltecer a beleza negra. O cabelo é um ponto importante na discussão sobre o preconceito, de modo que atualmente é comum ver mulheres e homens assumindo os cabelos volumosos. Isso tem contribuído para ajudar as pessoas pretas e pardas a assumirem sua identidade negra.

Esse momento foi relevante, pois o relato da aluna, mencionado anteriormente, aguçou o debate, instigando cada grupo a dar uma opinião. Diante disso, o tempo que restou da aula

para o lado B, 5 minutos, não foi suficiente para eles apresentarem suas conclusões. Em virtude disso, eu concluí essa aula com uma inquietação - precisava de outro momento para finalizar a ação. Mas como fazer isso? Diante do meu planejamento não havia mais aula disponível?

Foi necessário consultar a coordenação pedagógica e solicitar mais uma aula. O coordenador, Aldenes Costa, propôs utilizar aulas de professores que possuíam carga horária maior no decorrer da semana. Nesse caso, poderia ser das disciplinas de Matemática ou de Língua Portuguesa. Dessa forma, após conversar com os colegas e explicar a situação, ficou definido que utilizaria uma aula de Matemática na semana posterior, de 25 a 29 de setembro. Tal aula foi necessária nas duas turmas, do 7º “A” e “B”. Este fato explicita a questão do planejamento apertado e sem muito espaço para ampliar ou incluir temas e metodologias que estejam fora do pré-estabelecido no material adquirido pela escola e comprado pelos pais e, também, na minha dificuldade de incluir no planejamento as aulas específicas da pesquisa.

Aquelas preocupações mencionadas, na introdução desse texto, para executar a sequência didática, tais como o pouco tempo diante dos conteúdos previstos no livro didático aconteceram. Não obstante, quando o professor desenvolve uma estratégia de ensino e a coordenação abraça a causa, qualquer intercorrência que houver no percurso será superada. Logo, o fechamento desta ação ficou reservado para a semana posterior.

3.3. A terceira semana da sequência didática

Consideramos relevante, antes de começar a descrever como essa aula ocorreu, ressaltar: só foi possível dar continuidade à sequência didática, porque utilizamos mais uma aula além das previstas para a disciplina de História (três aulas semanais). A professora de Matemática cedeu um horário, em cada turma, e, assim, o grupo dois conseguiu divulgar os resultados da atividade.

No terceiro momento, ocorrido no dia 27/09/23, prosseguiu-se o curso da aula, tendo o lado B como responsável pela análise da música “Alma Negra”. Os participantes desses grupos declararam não conhecer a música, devido a isso, expliquei o contexto da produção musical, em seguida os grupos foram relatando suas impressões. Eles identificaram o preconceito no refrão: “Luta Guerrilheira, Classe tão sofrida Discriminação, Desumana”; “Foi eu que Cresci e Ouvi que o Preto Não tem vez”. Ante esse discurso, um aluno se pronunciou:

“Dizer que o preto não tem vez, classe sofrida, discriminação, me lembrei dos jogadores de futebol (*sic*), muitos deles são vítimas de insultos durante o jogo de futebol, até banana as pessoas jogam para eles como se fossem macacos” (depoimento de aluno, 2023).

Aproveitei a fala para instigar os alunos a imaginarem como se sente quem é visto/tratado assim por outras pessoas. A ideia era estimulá-los a se posicionarem diante da situação. Nesse momento, foi destacada a importância da aprovação da Lei nº 10.639/03 e as contribuições que ela trouxe para os negros. Consequentemente, os estudantes perceberam que o contexto histórico brasileiro e a questão racial da época em que a música foi gravada, evidenciam que os negros estavam lutando para serem vistos e reconhecidos com dignidade.

A partir disso, as perguntas começaram a ser mais frequentes, em uma delas, o aluno questionou: “Por que os negros continuam sendo discriminados, inferiorizados e/ou ridicularizados pela sociedade brasileira?”. Antes mesmo que eu respondesse, uma aluna pediu para dar a resposta ao colega. A solicitação foi aceita. Ela falou:

Isso aconteceu e acontece porque as pessoas não têm conhecimento da verdade sobre os negros, os negros foram vítimas do europeu a cultura deles foi colocada como inferior (*sic*). Eles foram vendidos como “coisa” sem valor. Até hoje ainda há pessoas que pensam assim, pode olhar quando você chega em algumas lojas você quase não vê negros trabalhando (*sic*). (depoimento de aluna, 7A, 2023).

Essa fala da estudante trouxe uma reflexão acerca daquilo que Rüsen (2012) orienta, quando nos alerta de que a explicação histórica precisa dar ênfase ao desenvolvimento das habilidades de rememorar, interpretar e orientar-se. Para ele, é preciso formar um indivíduo que “pensa historicamente”. Partindo desse pressuposto, as letras das músicas contribuíram à medida que conduziam os alunos a retomar o passado e refletir sobre o presente. Isto é, perceber o quanto o preconceito racial continua presente em nossa sociedade e compreender que os negros precisam ser vistos, reconhecidos e valorizados como sujeitos históricos.

Após concluir a aula, os alunos foram orientados a formar grupos com cinco componentes, um aluno optou por fazer individualmente - e como tarefa para casa construir letras de músicas/paródias, frases, poemas, história em quadrinhos etc., com a proposta de combater o preconceito étnico-racial.

3.4 A quarta semana da sequência didática

Depois de concluir as demandas do conteúdo previsto no decorrer da terceira unidade, a aula, do dia 04//10/23, foi reservada para responder ao questionário final e, em seguida, os grupos/alunos apresentaram os resultados das produções. Nem todos os grupos aceitaram apresentar o trabalho, respeitando a individualidade de cada um, sendo que apenas oito relataram o que produziram. Esse momento serviu para a turma debater e socializar o aprendizado.

No curso dessa atividade, foram confeccionados doze trabalhos. Desses, três gêneros textuais foram selecionados: uma paródia, uma história em quadrinhos e um poema. A seguir, apresentamos a paródia produzida por um grupo de alunos do 7ºA.

Nós sofremos quando vamos ao supermercado,
Quando vamos a padaria ou lugares diversificado
Os atendentes sempre ficam a nos olhar como se fosse marginal
Mesmo buscando algo melhor para subir na vida ainda somos minoria
Somos xingados, criminalizado, desprezado mesmo estando no mesmo espaço
Muita luta guerrilheira e discriminação com marcas em nossas costas e em nossas gerações
Nossos filhos ao crescerem com a comparação muitos homens por aí buscando compaixão
Uma vez me senti como se fosse um igual, vieram eles me humilhando e me tornaram desigual. (*sic*)
(Produção de alunos, 2023).

O discurso produzido pelos estudantes na elaboração da paródia traz à tona uma realidade que, infelizmente, ainda persiste na sociedade brasileira. Eles dialogaram sobre algo vivenciado pelo negro nos espaços sociais, os olhares de indiferença, o julgamento como marginal ao adentrar em um ambiente comercial. Esse relato comprova o quanto o preconceito ainda é algo latente na sociedade e como a desigualdade racial é um dos principais problemas sociais em nosso país.

Agora, apreciaremos outro gênero textual, o poema:

Pela paz racial

No coração da humanidade, erguemos a voz
Contra o preconceito, unidos, nossa escolha
Cores e culturas, em harmonia, são tesouros
Na diversidade, encontramos nossos valores

Rompendo barreira, quebrando os grilhões
Celebrando as diferenças em nossos corações
Somos todos irmãos em uma só canção
Contra o preconceito ao negro, lutemos com paixão

Não importa a cor da pele, somos todos iguais
Em nossa pluralidade, encontramos nossos ideais
Juntos, construímos um mundo melhor, afinal
No combate ao preconceito, nosso amor é vital.
(Produção de alunos, 2023).

Essa produção foi feita por um aluno do 7º B, a abordagem do discurso apresentado por ele foi direcionada pelo desejo da paz racial, ou seja, o anseio de viver em uma sociedade sem preconceito, na qual o negro seja respeitado, pois todos são iguais. Ele atenta para a vivência em harmonia uns com os outros para a construção de um mundo melhor.

A produção da história em quadrinhos demonstrada abaixo foi elaborada por um grupo de estudantes da turma do 7º B. A história é contada em três laudas, optamos por demonstrar apenas a primeira parte. No entanto, o enredo será relatado.

Imagem 9 – resultado da tarefa – História em quadrinhos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora, 2023.

Na história em quadrinhos, conta-se que uma jovem branca passeava no shopping, quando adentrou numa loja de maquiagem. A atendente negra vai ao seu encontro e pergunta se a cliente precisa de ajuda, ela diz que entrou na loja errada. Ao chegar em casa, a mulher branca decidiu ligar para loja, dizendo à atendente negra que o cabelo dela é horrível. O

tempo passou, um dia quando a mulher branca estava dormindo aconteceu um incêndio em seu apartamento. Um rapaz negro correu para dar socorro. Após o incêndio, ela percebeu que todos são iguais e merecem ser respeitados.

Essa história criada por esses alunos provavelmente reflete a realidade presenciada por eles e vivenciada por pretos, pardos, brancos, indígenas, dentre outros. Isso demonstra os vestígios do preconceito que acontece nas estruturas sociais da sociedade. Quando determinados grupos ocupam alguns espaços, eles são tratados de forma indiferente.

No final das apresentações, comecei a interrogar os alunos, perguntando se havia mais algum comentário a acrescentar. Dois alunos, quase ao mesmo tempo, disseram: “Foi muito bom esse assunto, os conhecimentos adquiridos, durante as aulas, serviram para melhorar minha visão sobre a África e o negro. Pude também entender o preconceito e me posicionar contra ao ver alguém falando contra eles” (*sic*) (depoimento de aluno, 7B, 2023).

Em vista disso, o relato e as abordagens dos gêneros textuais confeccionados pelos alunos demonstram que os objetivos da sequência didática foram alcançados. Consequentemente, foi possível trabalhar os significados de atitudes oriundas de preconceito étnico-racial, o que foi visto nas produções desenvolvidas pelos estudantes.

Os trabalhos confeccionados pelos alunos foram expostos num mural, intitulado “Não ao preconceito” no pátio do Colégio Amadeus. O tema fora escolhido pelos próprios alunos para a montagem do mural. A equipe que auxilia a coordenação pedagógica colaborou neste trabalho. Isso porque não dava para executar tal tarefa com os alunos durante a aula, já que interferiria no planejamento.

Findamos essa ação, ressaltando que, apesar da jornada diária de um professor ser marcada por múltiplas atribuições e afazeres, sempre haverá um caminho possível para desenvolver estratégias de ensino além daquilo que está previsto no livro didático. Além disso, observa-se o tempo como o grande vilão, mas quando há o apoio e o alinhamento com a coordenação pedagógica, as dificuldades são superadas. Graças a esse apoio foi possível concluir as ações dessa sequência didática.

Por meio desse trabalho, promovemos um ensino cujo ponto de partida foram os conhecimentos prévios dos alunos em relação à história e à cultura dos povos africanos e afrodescendentes. A produção do conhecimento histórico, por sua vez, possibilitou aos alunos questionarem suas experiências e formularem um novo olhar sobre os povos africanos e, consequentemente, replicar o conhecimento adquirido.

Além disso, as atividades desenvolvidas, por meio das músicas, conduziram os estudantes a refletirem sobre atitudes preconceituosas (re)construídas, dentro da sociedade, em relação ao negro. Acredita-se que também tenha despertado o interesse de fomentar atitudes que possam contribuir para valorizar a diversidade étnica, combater o preconceito e a intolerância racial.

Esperamos que as ações dessa sequência didática tenham ajudado na formação humana dos estudantes, pois compreendemos o ensino de História como uma área de conhecimento que pode desempenhar um papel transformador na vida do aluno. Portanto, faz-se necessário que os professores dessa disciplina “conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem” (PINSKY, PINSKY, 2021, p. 18).

3.5. Aprendizados históricos dos envolvidos na pesquisa

Assim, antes de se responder à pergunta “o que ensinar” deve-se pensar qual objetivo que se quer atingir (RIBEIRO, 2021, p. 34).

Essa parte está reservada para divulgar os resultados do processo de ensino-aprendizagem dos discentes, após o desenvolvimento da sequência didática, através da observação dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes. Diante disso, as informações foram obtidas por intermédio da aplicação de um segundo questionário, disponível no apêndice dessa dissertação- tipo *survey*, através da ferramenta *Google Forms*. A aplicação do questionário serviu para comparar as experiências anteriormente vividas e as trabalhadas, no decorrer da sequência didática, em relação às questões étnico-raciais.

Os sujeitos da pesquisa, conforme informado anteriormente, são alunos do 7º ano “A” e “B”, do Colégio Amadeus do turno matutino. No dia da aplicação do questionário, dia 05/10/23, quatro alunos faltaram, três na turma A e um na turma B. Como já mencionado, no capítulo anterior, o quantitativo de estudantes, nas duas turmas, corresponde a 75, um deles não respondeu às questões, o motivo também já foi justificado anteriormente, ele é portador do TEA.

Tendo como base o quantitativo de estudantes envolvidos na pesquisa, apenas 70 alunos responderam às questões. As respostas preenchidas foram analisadas pelos seguintes critérios: a) Leitura dos relatos; b) Classificação por semelhanças de respostas; c) Seleção das

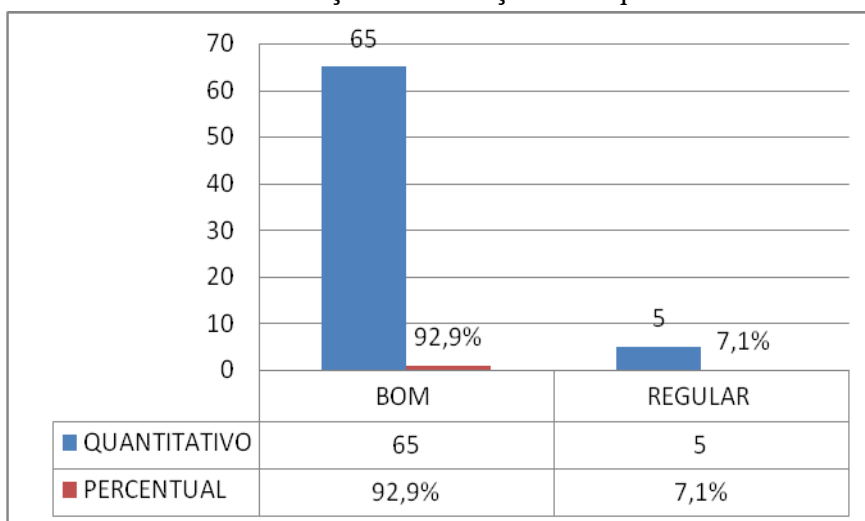
que mais se aproximavam dos objetivos aqui traçados. Sendo assim, os relatos apresentados a seguir correspondem a essa seleção.

Considerando que aprender não é estocar saberes na cabeça dos alunos, ele vai, além disso: “Aprender significa estruturar o pensamento com o qual compreendemos as coisas, as pessoas e, naturalmente o mundo, e fazer do aluno uma pessoa que compreendendo plenamente seu meio social, pode e sabe agir sobre ele” (ANTUNES, 2002, p. 41-42).

Os estudantes, enquanto sujeitos históricos, “têm que aprender, a partir de muito cedo, que história é uma reconstrução hipotética, um ato mental de construção de sentido e uma narrativa retrospectiva” (BORRIES, 2016, p. 190). Ante esses posicionamentos, o conteúdo produzido pelo conhecimento histórico precisa gerar valores e atitudes para mudar o comportamento do indivíduo. No entanto, para que isso aconteça, é necessário quebrarmos com os paradigmas existentes para uma melhor conscientização para a construção de uma sociedade mais justa.

Nessa perspectiva, a pergunta inicial do gráfico 7, busca identificar como foi a experiência dos estudantes envolvidos na atividade de sequência didática com uso de músicas (letras e áudios) para o combate ao preconceito étnico-racial contra os negros. Após essa sequência didática, observou-se que sessenta e cinco alunos ou 92,9% consideraram as atividades como positivas. Enquanto as respostas que avaliaram a atividade como regular atingiram 7,1%, ou 5 alunos.

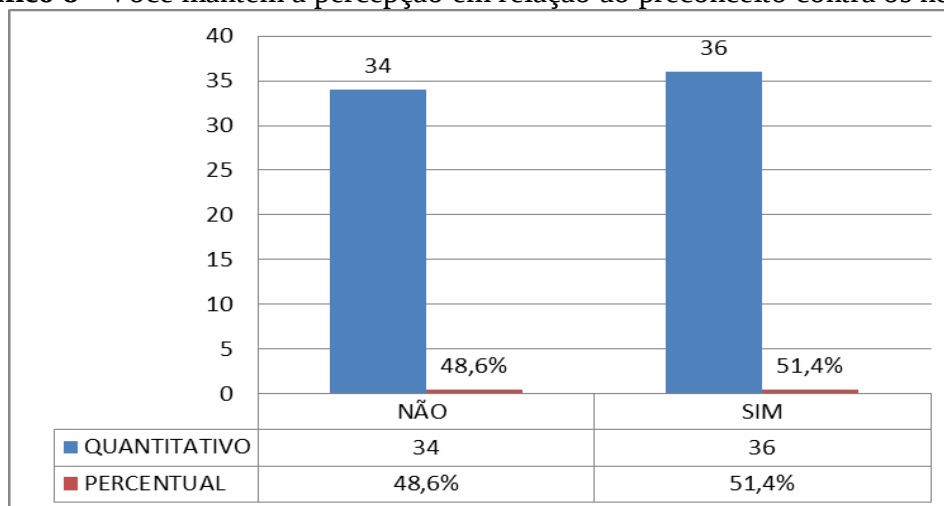
Gráfico - 7 – Avaliação da execução da sequência didática



Fonte: dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

A pergunta referente ao gráfico 8, disposto a seguir, busca compreender se os estudantes, após a sequência didática desenvolvida, mudaram ou não seu entendimento em relação ao preconceito étnico-racial contra os negros. No tocante, trinta e quatro ou 48,6% dos estudantes informaram que sua visão não foi alterada. Já para trinta e seis, ou 51,4% dos estudantes, houve alteração.

Gráfico 8 - Você mantém a percepção em relação ao preconceito contra os negros?



Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

Aprofundada a mensuração desses dados, observamos, a partir da análise das respostas abertas, no quadro 4, que para dezesseis, ou 22,9% dos estudantes, a sua visão sobre os negros não foi alterada - devido à compreensão da noção de igualdade e de respeito aos direitos às garantias individuais entre pessoas negras (preto e pardos) e brancas. Conforme supracitado, seguem dados mensurados a partir da sistematização das respostas do quadro abaixo.

Quadro 4 - Manutenção da percepção de preconceitos em relação aos negros?

Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
Minha visão continua a mesma, pois eles são pessoas assim como eu merecem respeito como qualquer outro.	3
Eles possuem o mesmo direito que eu sempre coloquei isso na minha cabeça, todos nós somos iguais e devemos ser tratados com respeito.	5
Continua a mesma, eles possuem o mesmo direito que nós, sempre, coloquei isso na minha cabeça, todos nós somos	4

iguais e devemos ser tratados com respeito.	
O negro é uma pessoa igual a todas, seja branco negro amarelo... todos tem direitos iguais.	4

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

Os dados do quadro 5, apresentados a seguir, analisam as respostas de dezenove, ou 27,1% dos alunos, que mudaram sua visão em relação ao preconceito deferido contra os negros. Eles passaram a desconstruir o olhar de pobreza, de selvageria e de inferioridade atribuída aos africanos e aos afrodescendentes. Assim, está explícito a importância de investir em uma educação que desenvolva “processos educativos que possibilitem às pessoas superar preconceitos raciais, que as estimulem a viverem práticas sociais livres de discriminação” (VERRANGIA; SILVA, 2010, p. 710).

Mediante dados do quadro abaixo, convém ressaltar a relevância de desenvolver estratégias de ensino que promovam um diálogo entre passado/presente. Dessa forma, almeja-se que o aprendizado não fique limitado apenas aos conteúdos propostos no livro didático, mas que ele possa dialogar com os problemas sociais do tempo presente. Trazer esse tema para o ensino de História serviu, para que os alunos refletissem sobre a origem desse preconceito e percebessem que ele se manifesta não apenas em práticas individualistas, mas como uma segregação social que limita e condiciona o negro. Pensando nisso, essa geração denominada Alfa precisa crescer com o entendimento de que todos podem conviver no mesmo espaço, independentemente, de sua origem étnico-racial.

Quadro 5 - Respostas abertas à alteração da percepção de preconceitos em relação aos negros

Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
Meu olhar sobre os negros mudou muito, pois percebi o quanto eles batalharam e lutaram para conseguir seus direitos e combater o preconceito e que deve ser respeitado igualmente a como todos e antes de estudar eu não tinha noção o quanto eles batalharam. (<i>sic</i>)	3
Mudou porque conheci que o negro sofre de inúmeros preconceitos e discriminações ao longo da história, desde o período colonial do Brasil até os dias de hoje, levando o continente africano a ser considerado apenas um país pobre e	2

sem variedade e valores culturais.	
Mudou a minha visão de pobreza miséria e desrespeito como povos inferiores (<i>sic</i>)	3
Após as aulas eu aprendi a reconhecer que os negros constituem um povo muito diversificado, com vários valores e costumes que devem ser respeitados por todos. Também aprendi que a África não é um lugar onde há apenas pobreza e miséria como muitos pensam, pelo contrário, eles possuem países muito ricos e com bom desenvolvimento, além de terem culturas muito bonitas. (<i>sic</i>)	7
Antes eu via os africanos e de uma maneira pobre que lá só tinha doenças e não tinha riquezas, agora vejo como um continente totalmente explorado e injustiçado e rico e vi que criaram uma discriminação que viam eles de forma selvagem. Os negros são pessoas como as outras que não merecem sofrer com todo esse preconceito. (<i>sic</i>)	4

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

Segundo SALES (2018), a luta contra o preconceito racial não pode estacionar no tempo, uma vez que é um elemento de transformação de valores no modo de vida das pessoas. Esta compreensão também é evidenciada em uma resposta de um estudante:

O negro é igual a todos nós, sendo discriminado devido ao passado e por brancos com um ensinamento discriminatório, onde muitas vezes é passado de geração a geração e muitas vezes acontecem após essa pessoa presenciar vários atos discriminatórios pelos familiares. (Resposta coletada do segundo questionário, aluno 1, 2023) (*sic*)

Diante desse depoimento, fica evidente que a luta contra a discriminação e o preconceito racial contra os negros persiste e deve ser combatida – enquanto um projeto educacional, cultural e humanístico.

Quadro 6 - Em relação ao que foi abordado nessa sequência didática apresente o que mais chamou sua atenção

Respostas apresentadas	Quantitativo de respostas
------------------------	---------------------------

A imagem que os europeus criaram sobre a África, é muito distinta da realidade. A mudança foi na forma de pensar sobre a África, descobri que o país [continente] é bastante rico, tanto de riquezas naturais quanto culturais, antes dos meus estudos entendia que a África era um lugar repleto de fome, doenças e pessoas morrendo.	5
Mudou a visão que tinha do continente porque a África não é só um continente miserável, sem comida e sem água. A África é um lugar de pobreza, mas existem muitos países que são ricos e não passam por dificuldades. É um continente, com países e cidades bem desenvolvidas e com grande diversidade.	8
A discriminação que as pessoas criaram com o continente e com a população que vive lá e a crueldade que os europeus tinham em relação aos africanos. Que a atividade propôs uma ótima reflexão e aprendizado em ambiente escolar, que em minha opinião não é normalmente efetiva. (sic)	7
Os negros sofrem preconceito, tem gente que menospreza o negro só pela cor. O fato de que o preconceito racial ainda está presente na sociedade atual. Existe o preconceito sem motivo. (sic)	5
O que mais me chamou atenção: foi o negro não ser respeitado nos dias de hoje, ser agredido verbalmente nas redes sociais, não poder frequentar lugares, sem ser mal olhado e, a sociedade não quer ficar perto de pessoas com a etnia racial diferente das delas. (sic)	3

Fonte: Dados coletados e sistematizados pela autora, 2023.

Em relação às respostas do quadro anterior, 38,6%, ou vinte e sete estudantes, informaram terem ampliado seu campo do conhecimento sobre o negro e o continente africano. Nesse sentido, é pertinente conhecer a história dos africanos e compreendê-la de forma não distorcida e valorizar as significativas contribuições que eles oferecem para o desenvolvimento humano e, particularmente, para a construção da sociedade brasileira (VERRANGIA; SILVA, 2010).

Já as respostas à pergunta “Quais atitudes você pode realizar para o desenvolvimento de uma sociedade menos discriminatória e mais tolerante?”, observamos que quarenta e cinco alunos, ou 61,4% da amostra, - consideram relevante divulgar o conhecimento adquirido sobre a cultura e a diversidade dos africanos. Um desses estudantes relatou que é necessário:

Ir cada vez mais mostrando as pessoas a verdade sobre a cultura dos negros, que nós não somos diferentes deles, somos seres humanos, já que a cor da pele; origem; características físicas; condições financeiras; cultura e preferências não condizem da maneira como iremos tratá-las. Tratar o Negro como ele merece e não menosprezar ele pela cor (Resposta coletada do segundo questionário, aluno 2, 2023). *(sic)*

Outro depoimento apresenta semelhança:

Divulgar melhor sobre a África e suas culturas pararem de tratar os negros com desigualdade. Mudar a mentalidade das pessoas (realizando vários projetos sociais e incluindo cada vez mais as pessoas negras em trabalhos até que comuns para as pessoas brancas, mas que, em geral, não há pessoas negras), para que parem com o preconceito, sendo que uma pessoa negra é igual e deve ter os mesmos direitos de uma pessoa branca (Resposta coletada do segundo questionário, aluno 3, 2023). *(sic)*

Observa-se nesses depoimentos que um dos caminhos apontados pelos estudantes para o desenvolvimento de uma sociedade sem discriminação e mais tolerante é compreender, de forma mais aprofundada, a história e cultura da África e de seus descendentes. Eles entendem que agindo dessa forma a sociedade irá reduzir os atos discriminatórios, evitando tratar os negros como desiguais. Promover a igualdade racial e combater o preconceito contra o negro no Brasil é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, humana e inclusiva.

Além desses relatos, quatro estudantes, ou 5,7% do universo pesquisado, compreendem que um dos meios para tornar a sociedade menos discriminatória e mais tolerante é:

Mudar a mentalidade das pessoas (realizando vários projetos sociais e incluindo cada vez mais as pessoas negras em trabalhos até que comuns para as pessoas brancas, mas que, em geral, não há pessoas negras), para que parem com o preconceito, sendo que uma pessoa negra é igual e deve ter os mesmos direitos de uma pessoa branca (Respostas coletadas do segundo questionário, aluno 4, 2023). *(sic)*

Ser inserido, no mercado de trabalho, é um dos maiores desafios enfrentados pela população negra no Brasil. Faz-se necessário investir em ações para enfrentar essa problemática, de forma que a superação desse preconceito racial é essencial para garantir o

pleno exercício dos direitos e da dignidade de todos os cidadãos brasileiros. Encerramos, dessa forma, a análise das respostas, utilizando os argumentos de dois estudantes:

Respeitar a todos, ensinar a nova geração a não ter esse preconceito. (Resposta coletada do segundo questionário, aluno 5, 2023)

Sempre respeitar as pessoas negras e os seus valores e costumes e promover campanhas contra o preconceito étnico racial, conscientizar a família e amigos, entre outros (Resposta coletada do segundo questionário, aluno 6, 2023).

CAPÍTULO 4

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA COMBATER O PRECONCEITO ÉTNICO-RACIAL

Nesse trabalho, discutimos sobre a origem e a propagação do preconceito étnico-racial em relação aos negros e como ele se manifesta na sociedade brasileira. Para debater sobre esse assunto, utilizamo-nos como estratégia pedagógica do desenvolvimento de uma sequência didática, através do uso de músicas (letras e áudio), como documento histórico, enquanto recurso pedagógico para combater esse preconceito racial e valorizar a diversidade étnica.

Embora esta sequência seja um modelo, é possível usar os recursos propostos de outras maneiras, como, por exemplo, estilos musicais diferentes. O resultado dessa ação será disponibilizado com um roteiro de possibilidades e sugestão pedagógicas com o intuito de servir como ferramenta didática que possa ser útil para professores de História ou áreas afins para trabalhar com alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) ou Ensino Médio. A intenção é a de que o material pedagógico sirva, por um lado, para combater o preconceito racial e, por outro, para valorizar a diversidade étnica.

Com o objetivo de trabalhar o tema proposto - sem me distanciar do currículo escolar da instituição de ensino na qual o trabalho foi desenvolvido – busquei formas de unificar os meus objetivos à minha condição de professora de História das turmas de 7º ano do Ensino Fundamental II. Dessa forma, procurei historicizar às origens do preconceito étnico-racial contra os afrodescendentes presentes na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, sugiro aos professores que lecionam, em séries subsequentes, adotar tal estratégia aliados aos temas de escravidão no Brasil, colonialismo ou imperialismo.

Outrossim, o ensino de História como prática para combater o preconceito contra o negro, foi estruturado numa sequência didática com proposta de aulas. De acordo com o pesquisador Zabala (1998, p. 18), a sequência didática é “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos”.

Em relação a esse discurso, os pesquisadores Freitas e Oliveira (2022) oferecem uma explanação mais aprofundada, clara e precisa. Para eles, a sequência didática é um plano de atos de aprendizagem que envolve reflexão e criação mental por meio de ação dentro de uma

lógica de aprendizagem em que se orientam o professor e o aluno em uma determinada expectativa de aprendizagem.

Freitas e Oliveira (2022, p. 18) indicam que uma das questões centrais que o professor precisa pensar quando elabora uma sequência didática é: “O que queremos que o aluno aprenda?”. Além disso, os estudiosos também pontuam a necessidade de o docente esclarecer sobre quais caminhos teóricos pretende desenvolver para o aprendizado do estudante.

A sequência em questão foi fundamentada no pensamento de Rüsen (2012), assim como ele, compreendemos a História enquanto ciência e disciplina escolar ensinada na sala de aula, como uma matéria cujo aprendizado histórico não é apenas uma competência narrativa para interpretar o passado humano. À luz desse pensamento, ela é uma matéria na qual sua competência é empregar o conhecimento histórico a partir da análise e do julgamento dos problemas do tempo presente. Ademais, a formação da consciência histórica deve ser a finalidade da aprendizagem histórica, já que o aprendizado precisa desenvolver no estudante a habilidade de orientá-lo na vida prática.

Frente a esse pensamento, o trabalho buscou potencializar práticas de ensino e de aprendizagem de história, tendo como foco combater o preconceito étnico-racial em relação ao negro na sociedade brasileira. Nessa perspectiva, as atividades serão divulgadas para auxiliar na propagação de recursos didáticos que contribuam para uma educação que promova a desconstrução de visões preconceituosas e estereótipos em relação ao negro.

Título do projeto de ensino:

O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história:

Identificação da instituição de ensino:

Colégio Amadeus

Identificação do docente:

Kátia Maria da Silva Leite

Tema:

O combate ao preconceito étnico-racial através da análise das musicais: “Olhos coloridos”, de Sandra Sá (1982), e “Alma Negra”, de Yzalur (2016).

Público-alvo:

Estudantes do Ensino Fundamental II (6º-9º)

Objetivo Geral:

Potencializar estudos no ensino de história o combate ao preconceito étnico-racial e, por outro lado, a valorização da diversidade étnico-racial.

Objetivos Específicos:

Descortinar como o preconceito em relação aos negros foi construído;

Questionar estereótipos e preconceitos contra o negro;

Estimular atitudes de respeito à cultura e à diversidade étnico-racial;

Identificar preconceito e estereótipos em relação ao negro presente nas músicas;

Avaliar o contexto social no qual as canções foram produzidas;

Reconhecer a realidade social vivenciada pela população negra no Brasil.

Expectativa de aprendizagem:

Espera-se que, ao final das quatro aulas pensadas/planejadas para esta sequência didática, os alunos sejam capazes de se posicionarem criticamente contra todo e qualquer tipo de preconceito contra os negros.

Competência:

Contribuir para a transformação da realidade social

Tempo estimado:

4 aulas de 50 minutos.

Metodologia:

Aplicação de questionário, análise de músicas, debate, elaboração de trabalhos (paródias,

poemas, histórias em quadrinhos, entre outras) e culminância com apresentação dos trabalhos/reflexões elaboradas.

Desenvolvimento:

Aula 1- apresentação da atividade de ensino

Momento 1:

Questionário

Antes de iniciar as ações da Sequência Didática, elabore um questionário para identificar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do que eles compreendem por preconceito étnico-racial, bem como, por tolerância e diversidade étnico-racial. A partir reflexões:

- a) Você sabe quem faz parte da população negra? Explique.
- b) Classifique o preconceito étnico-racial em relação aos negros na sociedade brasileira.
- c) Explique o que é preconceito racial.
- d) A partir do seu conhecimento de vida, explique o que é tolerância racial.
- e) A partir do seu conhecimento de vida, explique o que é diversidade étnico-racial.:
- f) Você ouve ou conhece músicas que falam sobre preconceito em relação aos negros?
- g) Caso sua resposta em relação à pergunta anterior seja sim, informe o título da música e aponte quem é o cantor.

Momento 2:

Orientações sobre a atividade

Iniciar a aula apresentando a proposta e orientando os alunos a responderem a um questionário. Destacar as respostas são de ordem pessoal, uma vez que cada um deve fazer de acordo com o seu entendimento. Não é permitido consultar nenhum material ou colega para tirar dúvidas.

Momento 3:

Promover um debate sobre o que é preconceito, discriminação e intolerância racial.

Recurso(s):

Lousa, piloto ou giz, cópias do questionário ou computador com acesso à internet e aos monitores de TV.

Aula 2 - desconstruindo estereótipos.**Momento 1:** Momento musical.

Sugiro disponibilizar as músicas para os alunos ouvirem na sala de aula (utilizar os computadores e TVs da escola e/ou os celulares dos alunos).

Momento 2: Análise das letras das músicas em grupo (sugiro a análise de músicas de períodos diferentes - duas ou três no máximo):

- a) Dividir os alunos em grupos;
- b) Solicitar que eles façam a leitura atentamente para responder ao questionário;
- c) Em seguida, eles devem proceder a análise das letras das músicas a partir de questões norteadoras (exemplo):

Quem é o/a autor/a da música?

Quem interpreta a música?

Em que ano ela foi gravada?

De acordo com o período em que a música foi lançada e ouvida, o que podemos inferir sobre o contexto histórico brasileiro e a questão racial?

Como o preconceito aparece na música?

Indicamos outras produções musicais sobre a temática do combate ao preconceito étnico-racial contra os negros:

Negro Drama – Racionais Mc's (2002) ;

”Voz ativa” – Racionais Mc's (1992);

A Coisa Tá Preta – Rincon Sapiência (2017);

”A carne” – Elza Soares (2002).

Momento 3:

Utilizar esse momento para os estudantes apresentarem/discutirem suas respostas diante da situação proposta.

Atividade(s):1

Orientar os estudantes a elaborarem, em grupo ou individualmente, como atividade de estudos de casa, reflexões sobre a temática do combate ao preconceito étnico-racial e sobre a atividade trabalhada com as letras e áudios de músicas (frases, paródia, poemas, história em quadrinhos, posts, entre outros).

Também seria interessante propor aos estudantes aprofundarem os estudos sobre o tema realizando pesquisas sobre:

- a) Casos de intolerância religiosa;
- b) A presença de negros (pretos e pardos) no mercado de trabalho;
- c) Casos de racismo étnico-racial nos esportes;
- d) Racismo nas redes sociais;
- e) Políticas públicas de combate ao preconceito étnico-racial;
- f) Campanhas e práticas antirracistas.

Aula 3 - Verificação da aprendizagem

Momento 1

Iniciar a aula fazendo uma breve avaliação dos trabalhos apresentados, expostos e/ou discutidos (roda de conversa). Nessa fase, é importante encerrar o processo de ensino-aprendizagem, verificando o que o estudante aprendeu e está disposto a socializar com os demais colegas.

Momento 2

Dedicar esse momento para promover um debate acerca da temática (roda de conversa). O ponto de partida, aqui, podem ser os trabalhos confeccionados pelos estudantes na aula 2. A partir da apresentação/discussão desses trabalhos, eles terão a oportunidade de socializar suas

impressões e o aprendizado adquirido no percurso.

Momento 3

Sugerimos seguir com os grupos formados, na aula 2, para que eles confeccionem um mural a fim de expor as produções. Os trabalhos poderão ser expostos no espaço externo da sala de aula.

Aula 4 – Formulário para avaliar o aprendizado

Momento 1- Formulário de avaliação acerca da sequência didática (sugestão)

Orientar os estudantes a responderem ao formulário de avaliação acerca do aprendizado proporcionado pela sequência didática, estruturada com uso de letras de músicas para o combate ao preconceito étnico-racial contra pessoas negras – universo formado por pessoas declaradas e/ou identificadas como pretas e pardas:

Sugestão de perguntas:

- a) Como você define o preconceito étnico-racial?
- b) Qual a sua compreensão em relação ao negro na sociedade brasileira?
- c) Como os meios de comunicação tratam a questão étnico-racial?
- d) Como as questões étnico-raciais aparecem nas redes sociais?
- e) Qual a sua avaliação sobre uso de sequência didática nas aulas de história?
- f) Qual a sua avaliação do uso de músicas nas aulas de história?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta contra o preconceito racial e de classe como uma manifestação cultural, não estaciona no tempo. É um elemento que o coloca como um motor propulsor de transformação cotidiano, no qual seus membros partilham das transformações que agregam valores no seu modo de vida (SALES, 2018, p.28).

Sales (2018) apresenta uma questão relevante, a luta contra o preconceito racial não pode parar no tempo. Desse modo, este trabalho tratou de desenvolver uma ação pedagógica, por meio de sequência didática, com uso de músicas para combater o preconceito étnico-racial nas aulas de história. Nossa defesa é de que essa ação teve um papel significativo no processo do ensino e aprendizagem dos educandos.

Portanto, inserir a música na prática pedagógica contribuiu para dinamizar a aula e ampliar o debate sobre atitudes de preconceito e intolerância à população negra. Esse preconceito racial possui raízes históricas, já que o povo foi inferiorizado e, por isso, essa mentalidade se perpetuou. Tal fato resultou em estereótipos negativos e na manutenção de estruturas sociais que privilegiam os brancos em detrimento dos negros.

Posto isso, torna-se essencial entender que, na “era da valorização do multiculturalismo e das diferenças, os preconceitos podem ser superados, ao mostrarmos as bases sobre as quais eles foram construídos, e que não se sustentam mais” (SOUZA, 2013, p. 23). Logo, a escola precisa contribuir para romper com a intolerância e o preconceito em relação aos negros.

Vivemos uma hipocrisia quando declaramos que não existe preconceito racial no Brasil. É crucial discutir a problemática, em sala de aula, se desejarmos, de fato, enfrentar esse problema de frente. Estamos falando de uma nação onde o fato de ser branco e está bem vestido faz toda a diferença na sociedade. Como relatei na introdução desse texto, enquanto esposa de um negro, convivo com olhares e tratamento indiferentes em determinados espaços sociais.

Dessa forma, imbuída da missão de professora atuando na formação humana, compreendo que cada ação realizada no cotidiano escolar referente a esse tema, contribuirá para derrubar os tijolos dessa “muralha”, construída historicamente. Então, é necessário investir na formação de indivíduos que promovam a construção de uma sociedade em que a equidade seja praticada.

Entendemos que o dever do educador é semear as sementes da tolerância, no terreno do educando, e lutarmos para que bons frutos germinem pela sociedade. Sabemos, não é uma tarefa fácil, há um longo caminho a ser trilhado, mas continuemos semeando nesse terreno. Ao confiar no poder transformador da educação, continuaremos investindo em práticas pedagógicas que colaborem na luta contra o preconceito étnico-racial. Essa luta não pode estacionar no tempo, ensinar sobre as diferentes raças e etnias, pode ajudar a superar preconceitos, estereótipos e discriminação.

Além disso, é fundamental promover o respeito mútuo e a valorização da diversidade para enfrentar os desafios e construir relações humanas saudáveis. Assim, as ações desenvolvidas, através da sequência didática, contribuíram para promover uma mudança no olhar dos estudantes em relação ao negro. Paralelamente, os alunos puderam compreender que a trajetória de vida dessa população foi e é marcado por preconceitos e pelas discriminações. Diante disso, é necessário observar que essa parcela da sociedade possui valores e costumes diversificados os quais devem ser respeitados por todos. Ademais, compreender que todos os espaços sociais podem ser frequentados por qualquer pessoa independentemente de sua cor de pele.

Portanto, tanto as ações da sequência didática quanto a confecção dos trabalhos realizados pelos estudantes serviram para mostrar como o preconceito étnico-racial contra o negro foi construído. Mas também, levou os estudantes a perceberem que diferentes formas de preconceitos persistem enraizadas em nossa sociedade. Por meio disso, pudemos estimular os discentes a realizarem leituras e posicionamentos críticos em relação a atitudes preconcebidas quanto às diferentes relações étnico-raciais.

Por fim, acreditamos que, através dessa prática pedagógica, contribuímos para a construção do conhecimento que colabore na formação de uma consciência histórica contra o preconceito étnico-racial. Defendemos uma educação que valoriza e respeita as origens e a trajetória dos negros em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS:

ABUD, Katia Maria. Ensino de História e Base Nacional Comum Curricular: Desafios, incertezas e possibilidades. In: **Ensino de História e Currículo: Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular, Formação de Professores e Prática de Ensino/Organização**: Halferd Carlos Ribeiro Junior; Mairon Escorsi Valério. Jundiaí: Pacto Editorial, 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

AMADEUS, Colégio. **Nossa História**. In: <<https://www.colegioamadeus.com.br/nossa-historia>>. Acessado em: 01/08//23.

AMADEUS, Colégio. **Projeto Força do Caráter**. In: <<https://www.colegioamadeus.com.br/projetoforcasdocaracter/2023.html>>. Acessado em: 31/07/2023.

AMADEUS, Colégio. **Projeto Político Pedagógico**. Aracaju, 2017.

ANDRADE, Elaine Santos. **Aprendizagem de Conceitos Históricos por Meio de Aulas-oficinas e Produção de Fanzines na Escola Gov. Estadual Seixas Dória, em Nossa Senhora do Socorro – SE**; orientador Fábio Alves dos Santos. São Cristóvão, SE, 2020.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. A teoria da história de Jörn Rüsen no Brasil e seus principais comentadores. **Revista História Hoje**, vol. 4, nº 8, 2015, p. 223-246. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/200/147>>. Acesso: 01/11/2023.

BELTRÃO, K, ALVES, J.E.D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, FCC, São Paulo, v. 39, n. 136, jan/abr 2009, p. 125-156. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/8mqpbrrwhLsFpxH8yMWW9KQ/?lang=pt>>. Acessado: 09/02/2024.

BERUTTI, Flávio; MARQUES, Ademar. **Ensinar e aprender história**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

BITTENCOURT, Circe Fernandes (org). **O saber histórico na sala de aula**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. In: **Ensino de Humanidades: Estudos Avançados**, v. 32, n.93, 2018.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BORRIES, Bodo von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone histórico? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 60,

p. 171-196, abr./jun. 2016. Disponível: <<https://www.researchgate.net/publication/305111163>>. Acessado em: 18/12/23.

BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** - Ministério da Educação (mec.gov.br). Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acessado em: 10/11/2022.

BRASIL. **CNE/CP de 10/3/200.** Disponível: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003> Acessado em: 06/07/23.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. **Estatuto da igualdade racial.** Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010. 33 p. Disponível: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496308/000898128.pdf>>. Acessado em: 03/03/2024.

BRASIL. **Lei nº 10639 de 9 de janeiro de 2003.** Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC/SECAD. 2005.

BRASIL. **Meninas têm mais sucesso na trajetória escolar;** desafio é corrigir distorções para os meninos. Mec/SEF, 2022. Disponível: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/meninas-tem-mais-sucesso-na-trajetoria-escolar-desafio-e-corrigir-distorcoes-para-os-meninos>>. Acessado em: 12/11/2023.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acessado em: 10/11/2022.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros Curriculares Nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 108 p.

BUGIATO, Caio Martins. Teoria do imperialismo: John Hobson. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v.7, n. 2, p. 126-139, 2007.

CALASANS, José. **Contribuição à história da capital.** Aracaju: mimeografado, 1942.

CRUZ, José Vieira da; SANTOS, Fábio Alves do. **Aprendizagem histórica:** espaços, suportes e experiências. Recife: EDUPE, 2021. Disponível: <[BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf)>. Acessado em: 10/11/2022.

DOMINGUES, Petrônio (org). **Do cativeiro à cidadania:** o pós-abolição em Sergipe. [recurso eletrônico]. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2022. Disponível: <<https://www.livraria.ufs.br/produto/do-cativeiro-a-cidadania-o-pos-abolicao-em-sergipe>>. Acessado em: 08/09/22.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 378-388, set./dez. 2005. Disponível: <<https://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: 14/10/2023.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. Colonialismo, capitalismo e segmentaridade: nacionalismo e internacionalismo na teoria e política anticolonial e pós-colonial. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 1, Janeiro/Abril 2014. Disponível: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69922014000100013>>. Acessado em: 10/11/23.

FREITAS, Itamar. OLIVEIRA, Maria Margarida Dias. **Sequências didáticas para o ensino de História** [livro eletrônico]. Ananindeua, PA: Cabana, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada, Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.

GONÇALVES, J. H. R. Das resistências ao ensino escolar de história da África: algumas considerações. **História & Ensino. História & Ensino**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 83-100, jan./jun. 2014. Disponível: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/issue/view/1025>>. Acessado em: 14/10/2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Gov.br. Disponível:<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/aracaju/panorama>> Acessado em: 31/07/23.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LAUREANO, Marisa Antunes. O Ensino de História da África. **Ciênc. let.**, Porto Alegre, n. 44, p. 333-349, jul./dez. 2008 333. Disponível: <<http://www.fapa.com.br/cienciaseletras>>. Acessado em: 14/10/2023.

MACHADO, Anselmo Belém. **Grande Aracaju**: Processo de uma metropolização emergente, Aracaju: Gráfica Atalaia, 1990.

MADRI, Redação do ge. Racismo contra Vinicius Junior. In: **G1**, 24/05/2023. Disponível:<<https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior>>. Acessada em: 20/06/2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, Jéssica Gabriele Ribeiro; MATOS, Samantha Franciele Dorabiato de. Geração alpha no futuro das organizações. **Revista de Saúde e Meio Ambiente**, União da Vitória, v. 2, 2021. Disponível: <<http://book.ugv.edu.br/index.php/renovare/issue/view/92/109>>. Acessado em: 14/10/23.

MOTA, Sara Cesar Brito. **Sequência didática para uma educação antirracista e em perspectiva decolonial**: conceitos fundamentais, roteiro urbano e fontes literárias. 96f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020. 96f.

NETO, Manoel Pereira de Macedo. Parâmetros Curriculares Nacionais de História: desafios e possibilidades da história ensinada na Educação Básica: In: **Revista História em Reflexão**, v. 3, n. 6 – UFGD - Dourados jul/dez 2009.

NIERO, Bruna Caroline; TUMA, Magda Madalena. Música como documento histórico em uma mostra cultural: experiência e significados para professoras dos anos iniciais. In: **O ensino de história local na sala de aula**: fontes, objetos e metodologias/Organizador Jakson dos Santos Ribeiro. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

NOGUEIRA, Edvaldo. **Mapografia Social do Município de Aracaju** - 2019. Prefeitura Municipal De Aracaju Secretaria Municipal da Família e da Assistência Social. Observatório Social de Aracaju. Disponível: <<https://www.aracaju.se.gov.br/userfiles/observatorio/arquivos>>. Acessado em: 01/08/23.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. In: **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 25, n. 3, 2003, p. 455. Disponível: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/jSfDJDycj4nzJwRH6W3xzLH/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: 08/07/23.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. A construção de epistemologias insubmissas e os caminhos possíveis para uma educação antirracista e anticolonial: reflexões sobre os 20 anos da Lei 10.639/2003. **Revista História Hoje**. São Paulo, v. 12, n. 25, 2023. Disponível: <<https://rhj.anpuh.org/RHHJ/issue/view/26>>. Acessado em: 02/07/24.

OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de. O Matriarcado e o lugar social da mulher em África: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos. In: **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade** – UESB, v. 3, n. 6, Julho, 2018.

PERREIRA, Nilton Muller; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. Ensino de História e Passado Prático: Notas sobre a BNCC. In: **Ensino de História e Currículo**: Reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular, Formação de Professores e Prática de Ensino/Organização: Halferd Carlos Ribeiro Junior; Mairon Escorsi Valério. Jundiaí: Pacto Editorial, 2017.

PERRENOUD, Philippe. **Novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chitoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PIAGET, J. **Da Lógica da criança à lógica do adolescente**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PINKY, Jaime; PINKY, Carla Bassaneziy. O que e como ensinar: Por uma história prazerosa e conseqüente. In Karnal, Leandro (org). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, Jaime. **12 facetas do Preconceito**. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PORTES, Alice; REGUEIRA, Chico. Mulher é acusada de lesão corporal e injúria. In: **G1**, 10/04/2023. Disponível: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/04/10/mulher-e-acusada-de-lesao-corporal-e-injuria>>. Acessado em: 20/06/2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. pp. 4. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>> Acessado em: 21/09/23.

RODRIGUES, Bárbara. Identidade crespa: Campanha de valorização do cabelo crespo no Piauí. In: **G1**, 25/05/21. Disponível: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/05/23/cabeleireira-cria-campanha-de-valorizacao-do-cabelo-crespo-apos-15-anos-de-alisa>>. Acessado em: 21/11/23c.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas/** colaboração de Ingelraud Rüsen; tradução de Peter Horst Rautmann. Caio da Costa Pereira, Daniel Martinesehen, Sibeles Paulino - Curitiba: W.A. Editores, 2012.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Tradução de Caio C. Pereira, Daniel Martineschen, Peter H. Rautman, Sibeles Paulino. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

SÁ, Sandra. **Olhos Coloridos**. Compositor: Macau. Brasil: RGE. 1982. LP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=X2tb8YVfOqI>>. Acessado: 10/09/23.

SALES, Gutemberg Martins de. *Racismo – Uma Questão Étnica Racial Brasileira*. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 7, p. 5-19, Julho de 2018. ISSN:2448-0959. Disponível em:<<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/racismo?pdf=18035>>. Acessado em: 18/05/23.

SANTOS, Aline Fernanda Gonçalves dos. ENGEL, Carlos Daniel. SILVA, Leticia Barbosa. MUMBACH, Michelle Vitorino; CORNELIUS, Rui Ailton. **O mundo das gerações: características e oportunidades**. Disponível em: <www2.fag.edu.br/coopex/inscricao/arquivos/encitec/20170913-233903_arquivo.pdf>. Acessado em: 18/07/23.

SANTOS, Jairton Peterson Rodrigues dos. **A Dois Passos de Wakanda: uma proposta de uso do cinema com temática negra para o ensino de História**; orientadora Andreza Santos Cruz Maynard. São Cristóvão, SE, 2021.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel.; MARTINS, Estevão de R. (ed.) **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011;

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Cultura histórica e aprendizagem histórica. **Revista NUPEM** (on-line), v. 6, n. 10, p.31-50, 2014. Disponível:

<<http://www.fecilcam.br/revista/index.php/nupem/article/view/526>>. Acessado em: 07/12/2023.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. Concepções de Aprendizagem Histórica Presentes em Propostas Curriculares Brasileiras. In: **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 203-213, jan./jun. 2009. Disponível: <<https://revistas.ufg.br/historia/article/view/8176/5871>>. Acessado em: 07/12/2023

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da História. *Intelligere*, **Revista de História Intelectual**, v. 3, n. 2, p. 60-76. 2017. Disponível: <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acessado em: 07/12/2023.

SERGIPE, Currículo de. **Integrar e construir**. Aracaju, 2018. Disponível: <<https://seed.se.gov.br/arquivos>>. Acessado em: 05/11/23.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação das Relações Étnico-Raciais nas instituições escolares. In: **Educar em Revista**, v. 34, n. 69, p. 123-150, maio/jun. 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/xggQmhckhC9mPwSYPJWFbND/?format=pdf&lang=pt>>. Acessado em: 10/10/23.

SOUZA, Marina de Mello e. Algumas impressões e sugestões sobre o ensino de história da África. In: **Revista História Hoje**. Ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira ANPUH – Brasil. nº 1 • Biênio: Agosto de 2011 a Julho de 2013, p. 23. Disponível: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/3>>. Acessado em: 10/10/23.

VERRANGIA, Douglas; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cidadania, relações étnico-raciais e educação. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 3, p. 705-718, set./dez. 2010.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. **Tratado sobre a Tolerância** - A Propósito da Morte de Jean Cala. Introdução, notas e bibliografia René Pomeau. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

YZALÚ. **Alma Negra**. Compositor: Yzalú. Brasil: Raposo Records, 2016. CD. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t61eJriMpY4>>. Acessado em: 10/09/2023.

ZABALA, Antoni. As seqüências didáticas e as seqüências de conteúdo. In: **A Prática Educativa: Como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICE

Questionário 1

Questionário 1 - Projeto de Pesquisa

Enviar

Perguntas
Respostas 75
Configurações

O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023

Caros alunos, o questionário que será aplicado faz parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido através da professora, Kátia M. S. Leite, junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Drº. José Vieira da Cruz. O resultado será utilizado como recurso para a produção de uma parte da dissertação.

Você autoriza a coleta de dados? *

☐ Sim

☐ Não

Qual a sua Idade?

Lista suspensa

1. 12

2. 13

3. Adicionar opção

Qual o seu gênero? *

1. Masculino

2. Feminino

Qual a sua identidade étnica-racial? *

☐ Negro

☐ Pardo

☐ Indígena

☐ Branco

☐ Outros

Classifique o preconceito étnico-racial em relação aos negros na sociedade brasileira. *

- ☐ Não existe
- ☐ Existe
- ☐ Existe pouco

Explique o que é preconceito racial. *

Texto de resposta longa

A partir do seu conhecimento de vida explique o que é tolerância racial. *

Texto de resposta longa

:::

Você ouviu ou conhece música que fala de preconceito em relação aos negros? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Caso sua resposta em relação a pergunta anterior seja sim, informe o título da música e aponte quem é o cantor. *

Texto de resposta longa

Questionário 2

Questionário - Final - Projeto de Pesquisa

Enviar

K

Perguntas

Respostas 70

Configurações



O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023.

Caros alunos, o questionário que será aplicado faz parte do projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido através da professora, Kátia M. S. Leite, junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação do Prof. Drº. José Vieira da Cruz. O resultado será utilizado como recurso para a produção de uma parte da dissertação.

Qual a sua opinião em relação às atividades desenvolvidas. *

☐ Bom

☐ Regular

A sua visão em relação ao negro é a mesma após participar desta sequência didática? *

☐ Sim

☐ Não

Apresente qual é o seu olhar, enquanto estudante, em relação ao negro após participar desta sequência didática? *

Texto de resposta longa

Em relação ao que foi abordado apresente o que mais chamou a sua atenção. *

Texto de resposta longa

Quais atitudes você pode realizar para o desenvolvimento de uma sociedade menos discriminatória e mais tolerante? *

Texto de resposta longa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE PESQUISA
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE HISTÓRIA DA UFS (PROFHISTORIA)

CARTA DE APRESENTAÇÃO À INSTITUIÇÃO DA PESQUISA

Ao Senhor, Renir Damasceno

Diretor do Colégio Amadeus, rua Estância, 1003 Centro. Aracaju – SE, 49.010-180.

Assunto: **Apresentação de Projeto de Pesquisa e solicitação de autorização**

Prezado Senhor,

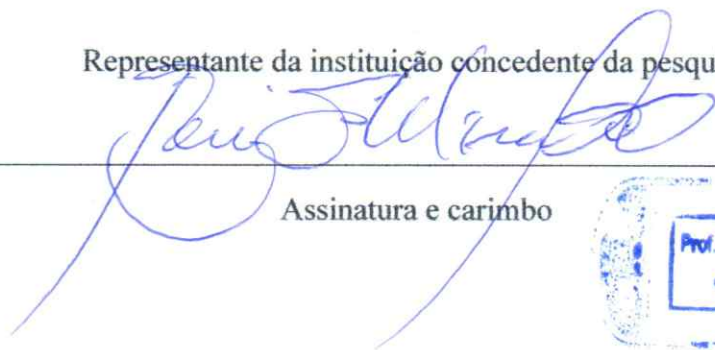
Apresentamos o Projeto de Pesquisa **“O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história.**

A pesquisa tem como objetivo potencializar práticas de ensino e aprendizagem de história, tendo como foco o combate ao preconceito étnico-racial em relação ao negro na sociedade brasileira. Diante disso, buscamos desenvolver uma metodologia de ensino por meio de uma sequência didática (com roteiro de atividades), utilizando músicas como suporte metodológico e pedagógico no ensino de história. As ações pedagógicas serão executadas, nos meses de setembro e outubro do corrente ano com alunos(as) do 7º Ano “A” e “B”, do Ensino Fundamental II.

A pesquisa será coordenada pela pesquisadora responsável Kátia Maria da Silva Leite, a presente atividade é requisito para a conclusão do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História. As informações aqui prestadas não serão utilizadas em prejuízo desta instituição e/ou das pessoas envolvidas, inclusive na forma de danos à estima, prestígio e/ou prejuízo econômico e/ou financeiro. Para tanto, solicito a autorização para realização da mesma.

Aracaju, 30 de agosto 2023

Representante da instituição concedente da pesquisa



Assinatura e carimbo





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO
DE HISTÓRIA DA UFS (PROFHISTORIA)**

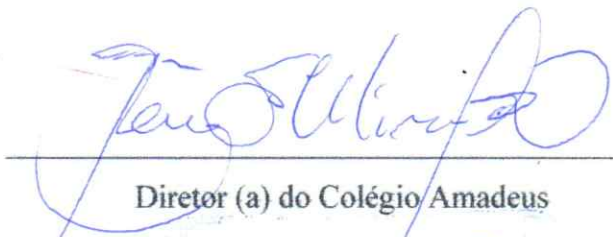


PROF HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

DECLARAÇÃO

Eu, RENIR SILVA LIMA DAMASCENO, diretor(a) do Colégio Amadeus, junto à discente Katia Maria da Silva Leite, matrícula 202211007107, autorizo a publicação do arquivo em formato PDF, fruto do trabalho final do curso de Mestrado Profissional em Ensino de História intitulado “O uso da música, combate ao preconceito étnico-racial e ensino de história: uma sequência didática aplicada aos 7º anos, Colégio Amadeus, Aracaju, Sergipe, 2023”, com 94 páginas, sob a orientação do prof. Dr. José Vieira da Cruz, no banco de dissertações e teses da CAPES e no repositório institucional da Universidade Federal de Sergipe.

São Cristóvão/SE, 30 de JULHO de 2024.


Diretor (a) do Colégio Amadeus

Prof. Renir Silva Lima Damasceno
Diretor Pedagógico
Colégio Amadeus Ltda.